

2

A Chama Depende do Combustível

2

editoora

Fortaleza, Ceará / 2020

A Chama Depende do Combustível é uma publicação independente, surgida de diálogos recentes e também de antigos processos. Uma publicação que acontece para servir de pretexto ao encontro, à escuta. Neste sentido, e considerando também a decadência do mundo de uma só voz, de um só jeito de dizer, de pensar ou sentir, o cuidado no recebimento e veiculação dos trabalhos perpassa justamente o diálogo, a melhor compreensão possível de como as contribuições chegaram, de como foram gestadas e de como gostariam de seguir até você aí que lê: assim como são, sem muito retoque ou correção. O exercício não é o da precisão, da assepsia ou da nitidez, mas do rabisco, do estudo, da busca. Afinal, não é porque beiramos o fim do mundo que devemos permanecer no mundo do fim.

Boa leitura!

índice

| | | | |
|---|-----|---------------------|-----|
| <i>sonhos y sonhas,</i> | 11 | Eduardo Verderame | 139 |
| <i>incandescente agora</i> | | Fabiana Faleiros | 156 |
| | | Felipe Vernizzi | 154 |
| <i>de sexta (03/04)</i> | 13 | Fernanda Tafner | 40 |
| <i>pra sábado (04/04)</i> | | Harishabad Kaur | 170 |
| | | Ingra Rabelo | 152 |
| Alexandre Barbosa | 47 | Isadora Ravena | 176 |
| Ana Araújo | 56 | Jam's Willame | 117 |
| Ana Cernicchiaro | 35 | Juliana Capibaribe | 53 |
| Ana Hupe | 96 | Júlia Rocha | 84 |
| Ana Paula Vieira | 86 | Júnior Pimenta | 174 |
| Antonio Jarbas | 20 | Leonardo Câmara | 112 |
| Aurore Laloy | 63 | Língua Acácio | 48 |
| Bernardo RB | 135 | Loreta Dialla | 122 |
| Bruna Lobato | 23 | Lucas Matos | 59 |
| Camila de Moura | 127 | Lucas Parente | 71 |
| Carla Diacov | 51 | Manuela Barroso | 27 |
| Carolina Ruoso | 62 | Marcos Walickosky | 140 |
| Cecília Gallindo Cornélio e Yuri Firmeza | 160 | Marina RB | 133 |
| Demétrio Panarotto | 34 | Marisol Albano | 19 |
| Diana Medina | 166 | Mayra Martins Redin | 143 |
| Diane Mala | 38 | Milena Travassos | 76 |
| Diogo Mizael | 61 | Nádia Camuça | 82 |
| Eduardo Escarpinelli | 132 | Noá Bonoba | 91 |
| | | Patrícia Lino | 87 |

| | |
|-------------------------------------|-----|
| Rebeca Rose | 147 |
| Renan Feitosa | 119 |
| Renata Huber | 149 |
| Rubia Mércia | 104 |
| Sudden Darling | 178 |
| Spiros Práticas & revista Teflon | 180 |
| Sirlanney | 45 |
| Thais de Campos | 32 |
| Themis Memória | 125 |
| Tom Nóbrega | 77 |
| Victor Hugo Portela | 101 |
| Virna Teixeira | 145 |
| Vivi Rocha Jones | 92 |
| Viviana Lipuma | 108 |
| Uirá dos Reis | 166 |
| UKÃO | 172 |



sonhos y sonhas, incandescente agora

a chama depende do combustível e onde havia fumaça, o escapamento enferruja, silencia, junto com as ruas, os sinais obsoletos, os cruzamentos à distância, a paranoia de o vírus tá na sola do sapato, na ponta dos pelos do nariz, no buraco do cinto, ou se de repente foi isso, caiu na zona limítrofe entre o portão, que dá pra rua, e a porta de casa, que dá pra sala. atenção para a respiração, para o ar, para o chão, para o coração, o sono, a fome, o teto, a rua. tudo o que antes era empurrado para os cantos, escondido ou esquecido, reaparece servido na granola, remexido no feijão ou engasgado na barriga que cospe farinha seca, suja ou contrabandeada. bandos. hoje a retomada é das tartarugas, o petróleo tem tempo de decantar e de dentro de suas caixinhas as pessoas amassam panelas, cantam pelas janelas, reencontram-se consigo em si, no outro, nas paredes e até ao longe, no horizonte. a chama depende do combustível. no mesmo campo em que crepita, a chama sinaliza que um estado, uma base, uma matéria de combustão, ao queimar, transmuta-se em outra coisa, dispendendo energia, calor. e se a fumaça e o ruído, na paisagem de concreto, dão lugar a uma atmosfera translúcida, estática e silenciosa, é porque esta mesma paisagem está se consumindo por uma nova chama, acesa por novos combustíveis, que se misturam na boca do fogão, na boca da noite e no que desemboca em nossos corpos e mentes. e se o vento alimenta o fogo,

espalha as cinzas, as sementes; a água corre solta em lava espessa, viva nas veias; a terra se regenera e um punhado de chão já não é mais apenas um punhado de chão, assim como o metro quadrado de sua casa não é mais só um metro quadrado; as ruas que servem de abrigo também se transfiguram em pesos, medidas, altitudes e latitudes. éter na mente. o som que acordamos em nossas vozes é lido como fagulha desta imensa rede simbólica arquitetada e aprimorada pelas chamas. labareda é a língua do fogo, cujo combustível singular e inegociável, ainda que comum e partilhado, abre passagem, em abismo, à comunicação com o outro ☉ alquimia infinita que somos/em que somamos.

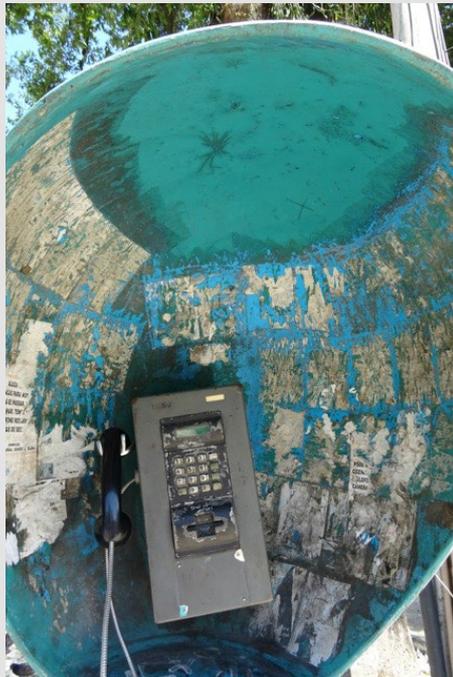
Flávia Memória

de sexta (03/04) pra sábado (04/04)

sonhei que a gente mesmo dormindo tava acordado e todos os tempos se misturavam e não existia mais nenhuma diferença entre o real e o virtual éramos uma coisa só circulando aí tinha uma equipe de mulheres curandeiras da idade média que aparecia e dizia em linguagem macuxi eu acho entoando um canto que parecia o tukui dizia pra gente que pra combater o vírus a gente tinha que fazer em casa uma composteira dessas simples de fazer porque foi demonstrado em estudos científicos bem posteriores que o contato com uma bactéria presente no húmus dessas composteiras funcionava como antidepressivo que diminuía a dor do passado das pessoas e isso ajudava a combater o vírus porque ajudava a processar o karma da humanidade era um momento de muita alegria pra todo mundo quando elas diziam isso principalmente pras minhocas das composteiras e a gente via pela televisão via satélite até no celular que cada bairro começou a fazer a sua composteira comunitária todo mundo de máscara vestido de astronauta nas praças que tinham virado verdadeiros espaços coletivos de cultivo urbano de orgânicos e a ideia geral era começar a expandir das casas das pessoas que já tavam engajadas nesse processo de compostagem há mais tempo pras outras que ainda não tinham começado aí as prefeituras em conjunto com as empresas de telefonia privada pegaram todos aqueles orelhões antigos aqueles em formato de feijão e reciclaram eles transformando eles em cápsulas próprias pro

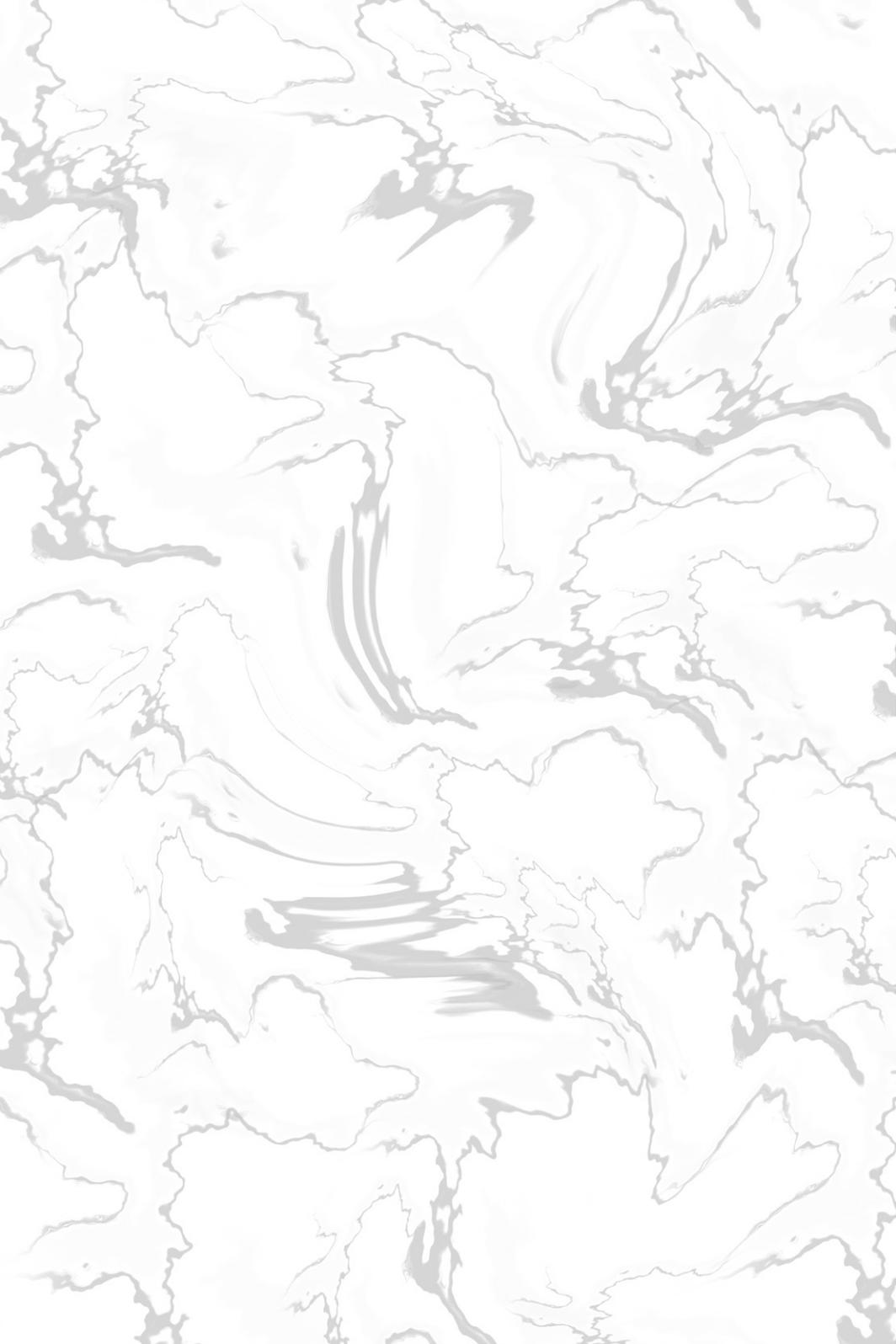
cultivo regenerativo do planeta como se fossem carrinhos de mão portáteis que ficavam flutuando como um altar brilhante isso facilitou em muito a comunicação entre os humanos e as plantas porque cada planta plantada nessa cápsulas nos enviava um vocábulo novo tipo como se fosse um google translate das plantas saca? mas só pelo pensamento aí a gente aprendia essa linguagem assim pela troca de pensamento e isso foi muito fundamental no processo de aprimorar nosso contato com elas que já tava se dando de maneira direta e bastante energética porque as plantas falavam a linguagem sagrada da espiral porque isso ajudava a filtrar o planeta

Érica Zíngano



Fotos:
Orelhão - Petra Tapia
Composteira - Mariana Smith





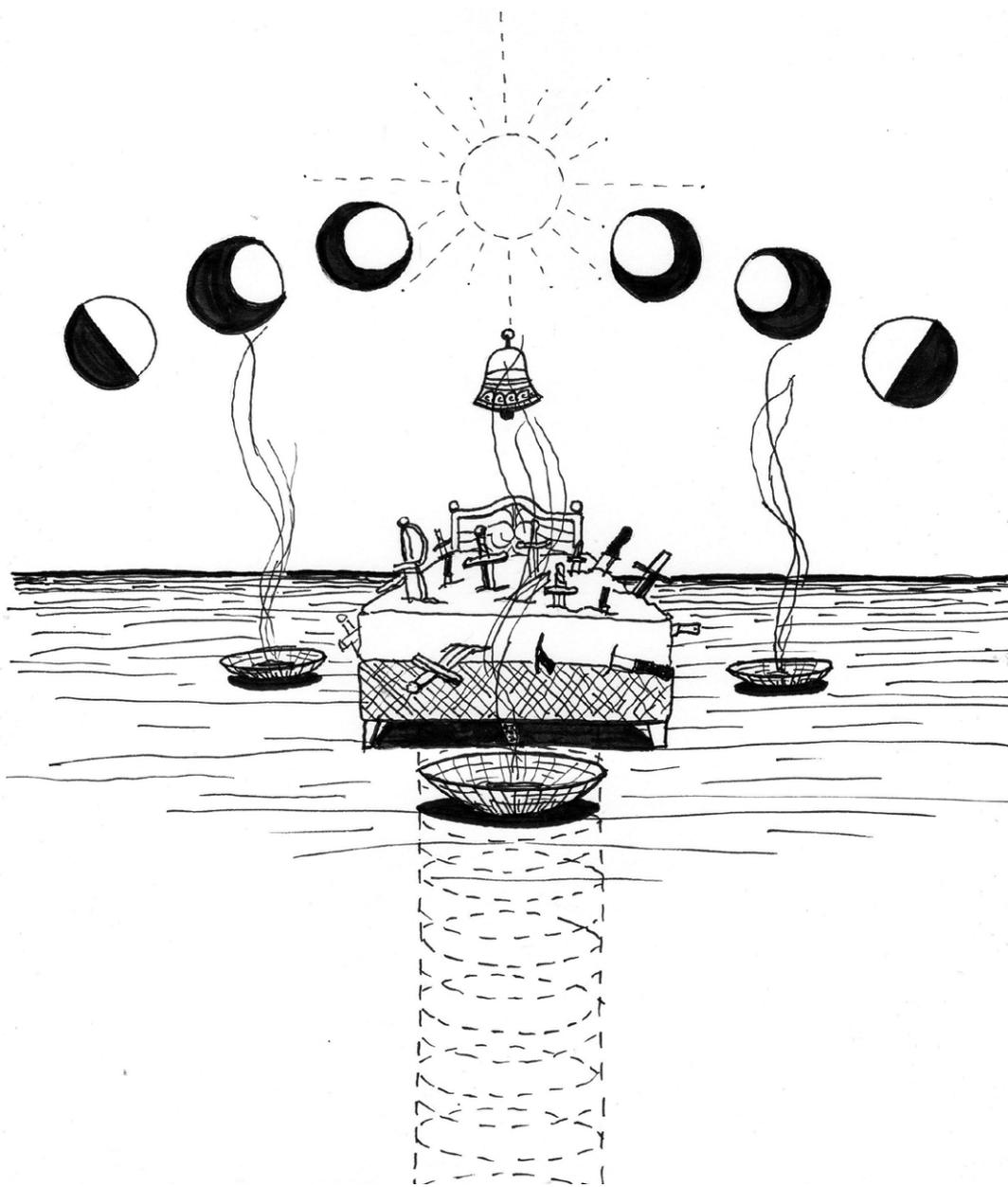
A hora é agora
O lugar é aí
A pessoa é você
És um lindo ser
Ser humano que sabe humano ser
Ser divino que sabe divino ser

Sabe ver seu lugar
Vê o que há ao redor
Sabe conectar com o que tem de melhor
Com o que há de melhor pra família maior
Com o que há de melhor pra família maior
a
E família maior é o que brota do chão
É uma ave no céu, vento é nosso irmão
A água é irmã, inseto é irmão,
a vaca é irmã, coqueiro irmão

Se quiser controlar, controlar não vai dar
Tudo é uma dança e o bom é dançar
Trabalhar, confiar e observar
Trabalhar, confiar e observar

Cada vida é um ser que nos faz ver
Que a vida é um milagre a florescer
Cada vida é um ser que nos faz ver
Que a vida é um milagre a florescer

É agradecer.



entre duas marcações do compasso
tudo aquilo que não é mais dança
conduz para longe da energia pendular

pontas dos dedos desfazem tranças
coágulos pujantes da
letargia nevrálgica intangível
difusa e diluída cega

rasgos afrontosamente repetidos
recebem a vastidão invasora
ressoam no oco feito o mar
resvalam, destituídos de si, ir-
reconciliáveis
poros, mucosas, ralos, buracos de bala

§

clavadista
contrafator do peso de cada osso
submerso
em sonhos de queda
procura pelo uivo do espiral
reverso das conchas
sereia que grita enquanto canta
fratura geológica medular
do cóccix até a nuca
dentes de ouro roubados
aos pés da
santa de gesso

viola sepulcros
proscree caixas de chumbo

na ausência autoinfligida
enganado pelo
vapor da lembrança
desperta
banhado em querosene
desliza
tesouras entre as margens do espelho
desata
aquilo que não dorme

Xamã, sonho em vida eu em sonho.
eu ensaio o sonho da vida
no ritual xamânico me chamo
de encontro com a grande mãe
eu sou mãe
Eu xamãe de mim
não ensaio me chamo
se saio pra ser o que em sonho sei que sou
eu sou me alcanço
mas se titubeio
e caio e não me caço me desfaço
sem confiar no que sou em sonho
sonho como louca no precipício
assim de um prédio bem a la gran babylon me de-
sintegro
pq sei que o sonho integrado a vida me chama, me
busca, me quer
o convite é partilhar o que se é em sonho na vida
mulher selvagem segue os instintos intuições pre-
visões afobações
transmutações viscerais assimiladas ao que se diz
inconsciente coletivo
ação me faço
agir com o coração
coragem de ta-tear por si o que se é
o que se é?
escuta o sonho
escuta, eu sonho
escuta escuta
faz parte de ti sonhar

Na tela mental as imagens disformes, coloridas de-

mais ou sem nexos. Bem assim desconexos, conve-xos, subjetivos e premonitórios os sonhos apresen-tam uma realidade vivenciada de forma sutil, mas nem tanto. Ao acordar: a sensação - a lembrança pouca beirando o limbo do esquecimento seguida da mão ainda por acordar segurando a caneta que quase como uma força sobrenatural espreme a me-mória e registra. Naquelas folhas talvez nunca lidas depois daquele instante o conteúdo, o conto agu-do de si. Essas histórias se lidas e compreendidas ou pelo menos interpretadas abrem caminho, algo como um portal sagrado do encontro consigo mes-mo no próprio ambiente psíquico. É a construção de um dia inteiro diante de tanto vivido de olhos fechados. A construção de uma vida inteira diante de informações explícitas, de padrões escancarados em formas não humanas se relacionando com situ-ações improváveis num cenário bizarro. E por que não acreditar?

Trago aqui as verdades sobre uma ferramenta muito presente nos meus dias e que me auxilia nas experi-ências sonhísticas mais lúcidas e divertidas.

Pois começo contando que a sabedoria ancestral do Tarô apareceu quando o baralho tradicional de jo-gar se expressou como um convite enigmático a um olhar subjetivo perante imagens até então banais. O convite de olhar aspectos até então negligencia-dos despertou o eu mais íntimo para um mergulho nas próprias profundezas. E assim de surpresa em contato com um material simples mas carregado de símbolos fez com que a instiga de expressar, apre-ciar e desvendar sem saber exatamente o que des-

se espaço para o nascimento de um texto pictórico mudo representativo de um antigo caminho de au-tocompreensão: o tarô.

Assim como os sonhos nos colocam de frente para inúmeras e surreais situações, o tarô chega en-quanto ferramenta de apresentação de um mundo desconhecido aos olhos abertos demais. É bem as-sim, a partir da curiosidade perante o material de um sonho que se revela a intensidade subjetiva con-tida na experiência. Estar diante de sensações incô-modas ou prazerosas, ainda que de olhos fechados, provoca o mistério de saber o que se é realmente. O que de fato existe já que nós mesmos fornece-mos todo material para produção inconsciente de algo tão relevante? Eis o grande trunfo colocado em nossas mãos: a realidade é uma só? A relação com o tempo tem qual referencial, já que sonhamos com diferentes situações em apenas algumas horas? Não sei, embarco nas técnicas de vôos planejados que a Gnosis me forneceu, encaro as arcanas como repre-sentações arquetípicas, me deito e me conduzo ao relaxar dessa forma que aqui escreve, dessa forma que beira a realidade, mas não é. O que se é deixo pro sonho, pras possibilidades, pra construção coletiva, pro trabalho de aproveitar ser o que se é ainda que sonhando.

As minhas imagens não são minhas, outro dia ador-meci lendo o Milan Kundera e ao acordar pela ma-nhã vi nas páginas que eu ainda estava por ler o so-nho que acabara de ter. As imagens não são minhas, elas estão minhas pelo curto período do tempo do

sonho e se acordo e interpreto já produzo outras imagens. O inconsciente coletivo portador de tantas representações é despertado através de símbolos vistos, presenciados e introjetados. Em contato com o consciente dialogo com o inconsciente. A língua simbólica enrola nas imagens e mostra o que pesa na palavra.

(...)
Sem mundo de visão, sem mundo de consciência,
Sem ignorância e sem fim à ignorância,
Sem velhice e morte e sem fim à velhice e morte,
Sem sofrimento, sem causa, sem extinção e sem caminho,
Sem sabedoria e sem ganho, sem nenhum ganho.
(...)
Sutra do Coração da Grande Sabedoria Completa

a velha carregava os fios desaparecidos na sola do seu calçado em ruínas. pela insistência do vento, o sopro alenta um canto reprimido por sua voz. seu coração já não aguenta tal lembrança naquele caminhar pelos pântanos.

em cima do seu juízo, a pantera que outrora subia nas travessias das eras. assim as árvores conduziam equinócios e solstícios naqueles tempos, e as aranhas tecelavam o caminho onde alimentamos nossas presas e dessas nos alimentamos. já quase ignoradas pelo juízo da velha, as tecituras revelavam em suas mandalas quase invisíveis a trama que nos rege.

fios emaranhados não morriam na sola dos seus pés, tampouco pareciam existir. ela resmungava a química que os forjava, e por mais que os pisasse, não conseguia deles se livrar. sob velhos pés firmes, sua severa resistência à aranha despertou-me. ignorando o juízo da velha, a aranha anunciou que já desemaranhava os alinhavados das minhas entranhas, para que a velha renascesse acolhida por suas tramas. vi a velha pensando que o fogo poderia destruir os fios grudados em suas ruínas. sua teimosia a fazia escorrer pelos pântanos. me perguntava

porque a velha, e seu fardo ancião, não seguia seu destino e buscava o fogo justo por seu ímpeto destrutivo, em vez de usá-lo em sua sabedoria.

“minhas virtudes não florescem lótus, mas vem da colheita da jurema.” – me disse em seus passos ainda mais obs-tinados. Despertei outra vez.

o território ao meu redor ascendeu descascando plantios eretos e, mesmo deixando as sementes para o rebrotar das espécies estrangeiras, eu quis semear as virtudes das clitórias da terra que a jurema saudava – avisando que toda face escura da lua faz parte da seiva das clitórias. foi quando avistei a anunciação: a aranha em sua medicina encontrou espaço entre os fios, terminou sua função, reverberando sua tecitura agora no território de minhas entra-nhas. senti o ciclo da floresta selvagem e as memórias antigas que queriam renascer da velha.

banhada em respeito a velha sorria – incontrolável como a cavalgada da pantera de outrora, e começava então a escorrer entre seus dedos a canção que ela temia. eu, que já não sabia mais se despertava ou se erguia rezo as-cendidos ao senhor fogo, presenciei a lua e o sol porem-se na mesma visão.

“sua tola! o fogo é seu avô, não seu senhor, não volte a adormecer” – disse a aranha que surgiu, talvez renasceu, da seiva da teia, da sola das ruínas do calçado da velha. assustei-me e, novamente, me emaranhei.

a velha se pôs a dormir. sua sola pesou sobre mim:

gritei sem voz por socorro aos pântanos, mas ele já a engolia. senti o valioso renascimento escorrer por meus dedos. que linguagem era aquela? que eles não pareciam mais me dar ouvidos enquanto a velha era engolida pelo pântano? ela se perderá ou se entregará ao seu destino? chamei ao fogo por avô e do clamor nem lótus nem régias, mas clitórias ben-decidas pela avó jurema brotaram do pântano e me entregaram, pelo olhar da pantera, as sementes da velha. “continue seu rezo” – provocou a pantera em seu amarelo farejar.

a saúdo e a honro, minha velha anciã, para que se revele a medicina da senhora aranha e nos abra os portais para o retorno à grande teia da vida.

silêncio se fez em meio ao desejo. água do lodo escorria entre meus dedos e já não podia segura-la. estou só em minhas próprias ruínas, aquelas que eu mesma teci. já não há o avô para lamentar o que não possuo e nem o refle-xo da lua no pântano para que eu saiba qual ritmo percorrer. tudo isso pertencia à velha e com ela tudo se foi. dese-jar a teia me fez distante dela? – perguntei-me imersa em solidão. “tens o silêncio” – retrucou a pantera, – “porque não foste na entrega da velha”? vi o canto reprimido em minha voz, ecoando uma herança da velha em minhas colheitas. “já não há colheitas” – quis alentar a canção vinda de um caminho ausente – o que sobra onde já não há nada? o caminho não ilumina, a lua já se esconde e o pântano já não entende minha voz. “cante”, – clamou a velha que se-meava o lodo – “o canto queimará tuas ruínas, até que as cinzas

fecundem seus rasgos sutis e permaneçam apenas as heranças das minhas sementes. tem seiva de aranha escorrendo da clitória arreganhada em tua floresta. percebe que é ela o rezo que corre nas veias da terra até mim. não há como segurar entre teus silêncios, mas teus dedos a compõem”.

“geme” – revelou a seiva – “o tempo pede gemidos, desde os tempos em que a velha sonhava. geme em ti recriando-me. a aranha em sua medicina tecerá novas e vulneráveis tramas, a pantera percorrerá novamente as travessias das eras, as sementes fecundadas rasgarão em teu útero, mãe do corpo, as veias da terra vermelha, mãe da vida, e o velho fogo ascenderá do pântano. sim, ele será o primeiro a cantar – através de ti – as memórias antigas nas noites da tua floresta”.

a velha renascida aguentará a lembrança do canto? ou dela também nascerá rasgos de sentimentos cheios de dores de memórias antigas?

tú definirás se a dor é suportável – anunciou a aranha, tecendo tramas da velha em meus sonhos – podes adormecer de novo se quiseres. calma! – ainda desperta, elevei meu temor no clarão – a chama se ergue, mas queimando ruínas o avô fogo não queimará também tuas teias?

“sou floresta antiga que queima nas eras, minha seiva ascende no encontro de cinzas e rasgos, e agora fertilizam em ti. a velha trará suas dores, há sofrer no viver mas também há gemer nas contrações do parto. só a ti caberá escolher. mas saibas que tudo renasce após passar pelo círculo de fogo”. enquanto

to isso a aranha preparava seu infindável fiar para novas teias nas solas dos pés daquela que habitava uma dúvida atrás da outra: devo cantar a canção? – a aranha cintilou uma nota de acolhida. tremendo, sua teia apontou – “o avô fogo já te espera”. estou a conseguir gemer ao passar pelo círculo de fogo? – perguntei durante a última contração, procurando na aranha a mais antiga cúmplice de minha dor. Uma fina linha, mais fina que um fio de cabelo, acompanhava as últimas palavras da eterna e compassiva guardiã, – não há o que conseguir. o arder já não te diz nada? – continua a aranha, “esse sonho profere sem necessidade alguma. já me escutas e me teces. se cubra com o manto desse canto que criei para te receber e então descanse, sob a natureza de que toda ruína é eterna em sonhos que te queimam e em ti renascem”.

vasto mundo.

Um Templo

da Vida

da Morte

CHEIO DE SURPRESAS.

A riqueza da

Viagem

de

SER

estrela

Explosão

o camponês de marte
agora mora em plutão
foi extraviado

não mais vizinho de ninguém
é um animal estrangeiro

sofre com o corpo sofre
sortilégios e sobram
parafusados na memória
retratos

sonha em voltar
quer reconstruir a vida
ao lado de seu amor
[de quem não tem mais notícias]

perceberam o sopro?

só se sente reconfortado
que seja assim que seja
quando recita (as memórias de seu avô)
desacordado.

Poucas alcunhas me parecem tão certas como aquela que o xamã yanomami Davi Kopenawa usou para nos apelidar: “povo da mercadoria” – seres que têm o pensamento “curto e obscuro”, “cheio de esquecimento e vertigem”, esfumaçado, cego, “fechado para todas as outras coisas”; seres que ouvem “apenas o ruído de seus aviões, carros, rádios, televisores e máquinas”, seres que são impedidos de “pensar direito” por causa do “barulho contínuo” das cidades e da “a fumaça que cobre tudo”.

De fato, nossa fascinação pela mercadoria nos levou a medir tudo o que nos cerca, inclusive outros seres vivos, humanos ou não, segundo um axioma comum – o dinheiro, nos tornamos incapazes de experienciar o mundo, o tempo nos escapa, a fantasia, o devaneio, a imaginação se perdem no automatismo da vida cotidiana. Daí Kopenawa concluir que os brancos “dormem sem sonhos, como machados largados no chão de uma casa”, ou, pior ainda, “dormem muito, mas só sonham com eles mesmos”. O sonho do “povo da mercadoria” é um sonho narcísico, que precisa apagar, esvaziar a imagem do outro, porque não consegue ver nada além de si. Essa incapacidade de devir-outro no sonho revela nosso etnocentrismo e antropocentrismo – a separação absoluta entre cultura e natureza, humano e não-humano (incluindo aí alguns humanos não-sujeitos que se encontram excluídos das bases legais de proteção) –, mas também nosso egocentrismo: crentes no mito moderno do individualismo, e de seu correlato capitalista – a meritocracia, esquecemos que somos interdependentes, que nossa subjetividade se forma em resposta ao outro,

muitos “outros” (inclusive uma série de outras pessoas inumanas, vegetais, minerais, acidentes geográficos...).

Mas o que este “povo da mercadoria” que não sabe sonhar faz quando a vida cotidiana é tomada pela sensação de sonho?

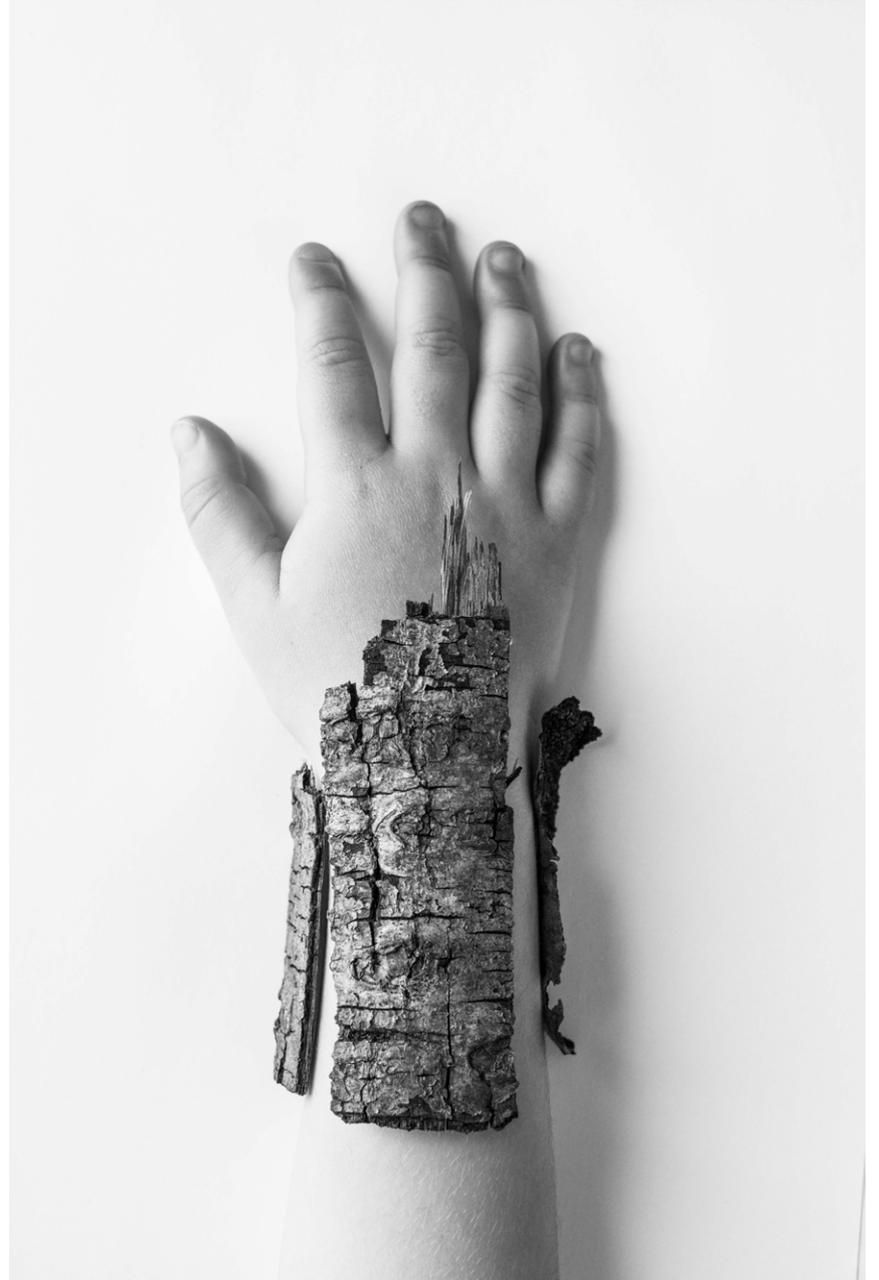
Há quase um mês de quarentena, vivemos uma espécie de pesadelo contínuo, chocados com as imagens de cadáveres que continuam chegando pelas telas e, no caso específico do Brasil, com a necropolítica negacionista governamental que aumenta a potência da tragédia. Somos atravessados pelo estresse da irrealidade da coisa, pela sensação de que há algo de muito errado na maneira como temos vivido até agora, pelo receio de não sabermos viver de outra maneira e pelo medo do que será essa outra maneira. Sobreviveremos à suspensão do mundo que conhecemos? O que faremos diante de nossa impossibilidade de dar conta do real, assumiremos nossa incapacidade de dizer dos acontecimentos ou nos ocuparemos com semblantes da normalidade? Viveremos este sonho como machados largados no chão, um pesadelo claustrofobicamente narcísico, no qual o eu se fecha em sua casa e em si, com telas, máquinas, compras virtuais e, é claro, trabalho, muito trabalho (afinal, o mundo pode estar chegando ao fim, mas não o capitalismo)? Home-office, home-schooling, educação à distância, lives para manter a forma física nada mais são do que simulacros do ordinário, tentativas de manter o tempo comprimido, de continuar fazendo a vida passar em altíssima velocidade, de nos manter úteis, produtivos, pró-ativos, empreendedores, um sonho onde,

paradoxalmente, não há lugar para o sonho, para o devaneio, a imaginação.

Ou podemos aproveitar esse apocalipse para aprender a sonhar com estes mestres de fim do mundo que há 500 anos vêm enfrentando genocídios e pandemias. Aprender a sonhar, explica Ailton Krenak, é ampliar os horizontes da nossa existência na Terra, dilatar o tempo das relações, sustentá-las num tempo aberto, não deixar que as paisagens se acabem. Precisamos viver o sonho como forma de dilatar o tempo, desacelerar o cotidiano, sair do automatismo, voltar a perceber, singularizar, subjetivar estes seres todos que co-existem conosco, já que existir é sempre co-existir, existir para e na exterioridade. Precisamos ouvir o silenciamento das cidades, nos deslumbrar diante da tonalidade onírica desse azul muito intenso que tingiu nosso céu sempre tão esfumado pelos canos de escapes dos carros, curtir nossas crianças que também estão trancadas em casa e nos demandam mais do que nunca, aprender e nos fascinar com sua descoberta do mundo, do mínimo que é um mundo, do outro que é sempre um mundo, nos deixar afetar por estes mundos e por sua contiguidade com o meu mundo, co-mundanear, criar mundos em comum, não o mundo da falsa universalidade do como-um fascista (que reduz a alteridade à mesmidade, o outro ao eu), mas mundos com-uns, onde os seres se percebem como seres-uns-com-os-outros, que carregam em seu próprio corpo a matéria de bilhões de anos e em seu próprio mundo a possibilidade de todos os outros.



Diane Mala | Impatiens





Propício

Esse trabalho começa a ser produzido durante o confinamento, em colaboração com minha filha. Ele é fruto de uma longa reflexão sobre as relações que entretive com o meio campestre onde nasci em contraponto ao que experimento hoje, vivendo em meio urbano. Me deixo aqui habitar pelas sensações que restam ou que resistem na memória de um tempo propício. Procuo, ao mesmo tempo, me indagar sobre o que encontro pelo caminho vaporoso, entre passado e presente, e que tornam vivas as experiências poéticas que tive. Trata-se de uma tentativa de evocar algo que está no âmago e que é, ainda, intensificado também pelos afetos criados ao longo do tempo e as relações que teço com minha filha.



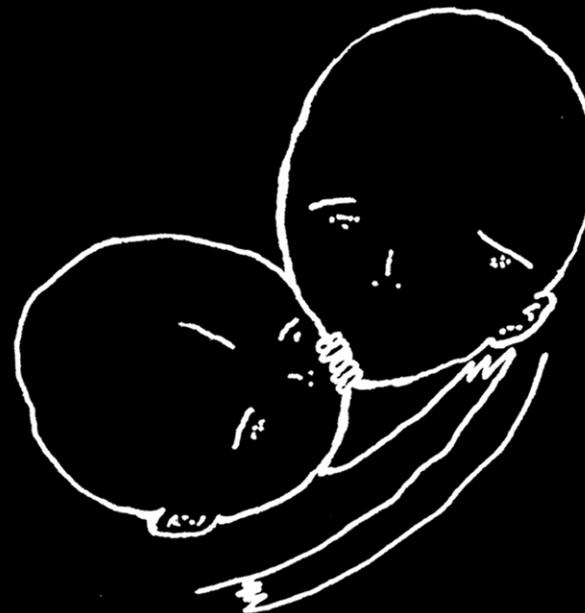


me lembrei de quando estava traduzindo o frankenstein (cap 12), quando a criatura aprende a linguagem:

“Aos poucos, acabei fazendo uma descoberta importante. Percebi que aquelas pessoas possuíam um método para comunicar suas experiências e sentimentos uns com os outros através de sons articulados. Notei que as palavras que se diziam ora produziam dor, ora prazer, sorrisos ou tristeza, nos espíritos e nos semblantes dos ouvintes. Esse era de fato um conhecimento divino, e desejei ardentemente me familiarizar com ele. Mas falhei em todas as tentativas que fiz nesse sentido. Eles falavam depressa; e pelas palavras que diziam, sem aparente conexão com objetos visíveis, eu ficava sem pistas para desvendar o mistério de cada referência. Após muita dedicação, contudo, e depois de ficar durante diversas revoluções da lua em minha palhoça, aprendi os nomes dados a alguns dos objetos mais familiares do discurso; aprendi e apliquei as palavras, fogo, leite, pão e lenha. Aprendi também os nomes dos próprios moradores. O rapaz e a companheira tinham cada um diversos nomes, mas o velho só tinha um, que era pai. A moça era chamada de irmã, ou Agatha; e o moço era Felix, irmão e filho. Não sei descrever o prazer que senti ao aprender as ideias apropriadas a cada um desses sons, e ser capaz de pronunciar-los. Distingui diversas outras palavras, sem a princípio ser capaz ainda de entendê-las ou usá-las; como bom, querido, infeliz.”

Ouço Mais Uma Explosão

há milhões de anos-luz uma onda de calor viaja até mim. sob efeito da quentura que se aproxima sou tomada pela ousadia. começo a recolher as vísceras expostas na terra encarnada. é inútil qualquer ação para reparar o que está prestes a acontecer. a ardência vai tomando conta do corpo desprotegido. sinto o cheiro de fritura. baço, fígado e boca do estômago queimam ao mormaço que exala do solo. seria esse o destino da minha cruzada: queimar e gritar enquanto sou tomada por essa rebentação feita de chama que vem de não sei onde? nesse inferno impetuoso o corpo se transforma em algo tão seco que poderia se chamar carvão não fosse a matéria animal que ainda resiste. sim, a resistência da matéria me faz perceber que ainda sinto algo pulsante. nem tudo queimou. uma lasca crua e incerta. mais uma vez me desdobro, me contorço até o avesso de tudo. crua, enfim, e sarada dessa ferida que agora é só casca seca que ficou para trás. agora posso dar cabo a missão. novamente o primeiro passo.





Estamos no canteiro de obras do canal do eixo leste do projeto de Transposição do Rio São Francisco. O que acabamos de ver é a explosão de um trecho de rocha. Os cinegrafistas estão ali na frente posicionados para não perder a imagem.

-
e durante os observatórios
visitávamos os crepúsculos uns dos outros durante
os observatórios visitamos o tarô das sementes
-
alaúde é palavra de origem árabe
antídoto é palavra de origem grega
pereba é palavra de origem tupi
folha e folhear são palavras de origem
origem
é palavra mãe
-
alaúde do pau caído do pau
antídoto seca seca a pereba folha
folheia folha caída antídoto crescente em pau todo
o céu todo o sal alaúde do pau crescente cai
cai do todo céu um antídoto
talvez talvez alaúde talvez folha
talvez pereba da vez
-
de inconveniências felizes é
a comunicação entre as raízes ela
diz e apanha a jarra de vodca com as pernas
-
inconveniente
passarinho estrangeiro senta o rabo na armadilha
que dá para as suas vistas você
pensa:
que dia chamuscado da porra
-
armadilha que armare que
prover de armas que
armar ao outros como a

si mesmo que armadilha é
só o meio uma forma de
dizer nada de nada é
estrangeiro

-

fiz uma rima:
prometo que o broto do
que temos floresce já a olhos miudinhos: não
fiz uma rima fiz uma rima daninha

-

durante os tentáculos atirávamos
pretensões uns nos outros durante
os tentáculos atirávamos bombas como que
sementes

-

e era a véspera a nave prometida e veio
ateada e o princípio não era estar não
era ser e era a véspera a nave
de se saber tentada a vez

Com cheiro de Manjerição.

Dizem que quando a gente se perde algo nos acha e devolve o caminho de volta. Qual o motivo de ter esquecido é a única coisa que não se deve pensar no momento, e de algum modo, virá à tona algumas vezes. Eu me lembro do que sonhava! Eu me lembro dos sonhos que se repetiam quando dormia e dos que me perseguem acordada. Eu me lembro das histórias que a D. Mais Velha contava.

Por esses dias foi com a menina Lua nos braços que eu me lembrei de que tinha visto a mudança. Queria ver D. Mais Velha, mas ela 'subiu'.

Os antigos sabem muito! Minha irmã que tem por volta de trezentos e quinze anos de idade, disse que a Força vem para trazer um bem. Minha mãe que recentemente completou setenta e dois anos, disse o mesmo. Por esses dias, percebi que precisava cuidar melhor do meu pai. Ele é um quase um rapaz de treze anos de idade; tem sentimentos apegados ora na tristeza de um plástico de margarina que não jogaram devidamente no lixo, ora na alegria do seu 'passe - ar' com os cachorros pelas ruas do Centro de Pacatuba.

Ontem, faltou farinha e fui ao mercado. Um mar de gente dentro e fora dele. A fila dos auxílios me faz lembrar Rodolpho Teophilo; elas andam de uma ponta a outra das esquinas, e se não tivesse ali uma rua cortando, chegaria à casa do padre. Os que mais reclamam em voz alta passam dentro de carros.

Precisei ir ao Sobrado, e no caminho, o comércio tal qual a maioria dos antigos casarões. A serra daqui debaixo é um veludo atraente. Porém mais atraente se fez as mulheres, na fila dos auxílios, ao falar das safras do ano passado; e que foi um erro terem parado de produzir. A Força vem para trazer um bem, eu lembrava. Cumprimentei a Mestra do Barro e do Boi, que estava na fila. Vi a construtora do pastor. Nessa época de páscoa, um sorriso com constrangimento vem quando vejo o pastor - criança forçado a realizar a troca de um grande ovo de páscoa em um pequeno ovo, feito no fogão da minha avó.

(Com a louça lavada e casa arrumada, consigo acordar antes que o antigo rádio me acorde. Sou grata à mãe da Lua que me lembra desses modos dos antigos, que acordam as crianças num susto. E que assim como o rádio, logo cedo, oferecem um mingau, um suco, no meio do sono. É por isso que a pretensão de deixar tudo limpo no dia anterior é importante para poder lembrar os sonhos).

Despertei com o cheiro de Manjerição!

Mulheres em um quintal enorme, em roda, lembram-se das avós e dos plantios, e combinam sobre as trocas de raízes e legumes. Aproximo pensando ser briga, mas são os modos da conversa repleta de energia. Transporte numa combe a colheita aos casarões do Centro, abertos e repletos de gente. São tão bonitos por dentro! No caminho, até chegar ao Sobrado, o pastor sorri e o padre pergunta quem pode trocar macaxeira em batata-doce! De repente,

estava numa feira no açude do Alto São João à beira de uma orla – horta! Os Pitaguarys presentes com Pajé contando história junto ao Sr. Luis Ferreiro. A Rosa rindo e mostrando o que os Pitaguarys tinham trazido para feiras de trocas. Algumas barracas mostram os nomes dos bairros “Quandu” “Macacos” “Picada” “São Luis”. Não sei como, mas o Alto São João se tornou São Luis, quintal da Mestra do Boi e do Barro. D. Vilauba dança com o Seu Zé Maria fazendo graça, do jeito que ela sempre faz. Muitos risos de crianças, uma algazarra constante. Forró com o Sr. Chico de um lado e o Sr. Antônio torra peixe no outro! Vejo minha avó encantada, fumando seu cachimbo, sentada perto de algumas galinhas, me vendo falar de longe, que não me dou com pimenta e preferia a biquinho. Por isso coloco as de cheiros junto às ‘cestas livres’ ao pé da cerca! Temos cumplicidade no olhar.

Era o ensinamento que se lembrava.

A Palavra “Casa” Sabe a “Cozinha

Cozinhar nesses tempos sabe bem porque nunca é sozinha. Nosso avô cata com a gente o feijão, vó amassa os pães, mãe enrola os biscoitos, o pai prepara a vinha para a carne, nosso irmão põe no forno a berinjela para o babaganoush, a vó mãe da mãe frita as batatas, a tia pica os legumes em cubinhos perfeitos, duas amigas amassam o abacate para a guacamole, a Ju parte o limão na diagonal errada e é preciso comer os gomos ácidos mesmo, pois não dá pra espremer e adoçar. Uma cozinha tem a família inteira e os melhores amigos.

Cozinhar nunca é sozinha. Compramos o feijão da Márcia, não perguntamos se era da roça dela. Alguns alimentos vêm de lá, os outros ela compra dos vizinhos. Toda quarta ela vem vender as coisas aqui na cidade, e voltamos pra roça no embalo do sabor da laranja que vem de lá. Até plantamos um pé de laranja aqui, ele é pequeno e não vai dar fruta, mas está bonito e cheio de folhas suculentas que fazem o melhor dos chás. Mesmo um pouquinho de terra cura.

Cozinhar nunca é sozinha. O arroz foi plantado, colhido, processado pela cooperativa do MST. Um grão tem muita coragem dentro, queremos nos alimentar dessa coragem. Nós queremos alimentar essa coragem. Ficamos conversando quanto espaço de terra cada família teria no mundo, se a gente desfizesse as cidades e as monoculturas em bilhão de terras onde plantar e colher. Conversamos como deve ser convi-

ver com outros bichos, os ferozes, os peçonhentos, os selvagens. Deve ser mais humano que viver entre os ratos.

Cozinhar nunca é sozinha. O fogo que a gente acendeu é gás, petróleo. Chegou encanado até aqui, atravessou quilômetros e quilômetros de terra em tubos subterrâneos e sobre estradas em caçambas bem vedadas de carretas pesadíssimas sobre o asfalto quente. Atenção. Se a gente soubesse o nome de cada caminhoneiro para o gás chegar até aqui, a comida teria outro sabor. Talvez mais amarga.

Cozinhar nunca é sozinha. A Elisa mandou uma corrente de receitas quando a gente estava justamente falando nisso. Queremos aquela receita da moqueca, mas não é assim que uma corrente funciona. A Karen leu em voz alta um texto bonito sobre a ancestralidade e as receitas, por causa de um bolo que ela fez com receita da nossa mãe. Amizade também é um tipo de vínculo de ancestralidade, as afinidades precedem o dia em que descobrimos os amigos por aí. Que passado comum cria a amizade à primeira vista?

Cozinhar foi o mais longe que pudemos chegar do trabalho alienado. Agora estamos cozinhando para nós, para os nossos. Cozinhar tem sido bom porque a gente toca em pedaços de vida: um dente de alho que brota, um bicho rosado que consome o caldo azedo do tomate, o mofo peluciado que cresce sobre o queijo esquecido no fundo da geladeira. Não se deve matar lagarta que chega na folha de couve, e dessa vez jogamos a lagarta no lixo. A lagarta foge, e essa é a

melhor parte, porque ela torna a aparecer em lugares inusitados. A gente sente muita falta de um pedaço de terra, porque fora da terra a sobrevivência é tão precária. Na terra um punhado de milho alimenta uma família com duas sacas cheias de fubá. Aqui perto, um punhado de milho foi varrido do piso cerâmico, não tinha chance de brotar nada ali.

A lagarta reaparece sobre a colcha estampada da cama, e é possível imaginar um cavalo correndo solto por campos de múltiplos verdes. A brasa acesa ilumina passados, ainda não acende nossa imaginação de futuros. A brasa acesa permite ver apenas um vulto: só há futuro possível na terra, na divisão da terra. Dividir a terra, o trabalho e o tempo. Dividir igualmente a vida e a morte. Dividir parece a palavra errada. Partilhar. Repartir. Repartir a terra, o trabalho e o tempo. Experimentar máscaras que possam salvar da solidão, da hipocrisia, do desespero. Experimentar máscaras que contem uma história comum. Experimentar uma máscara feita com a casca das batatas depois de cozinhar o miolo, uma máscara que muda de forma conforme crescem nela outras criaturas, uma máscara viva como o rosto. Beijarmo-nos através da máscara e arriscar sentir o gosto de terra das cascas em torno da boca. Alimentarmo-nos daquilo que lentamente fizemos cozinhar. Abrigar em nossas casas o amor às vidas, e por enquanto cozinhar as memórias do afeto enquanto esperamos que passe ao largo a ameaça das mortes. A casa sabe bem. Sabe a cozinha.

O Homem da Meia-noite

ando na contramão a rua do sol
ando na rua do sol a contramão
como quem oferece perigo
você quer saber
quem eu sou?

eu sou o homem da meia-noite
e eu trago no bolso
o último verão do planeta

eu sou o homem da meia-noite
e aqui está minha nova teoria para
família:
em vez de sangue e genes compartilhados
os seus parentes são as pessoas que têm
os mesmos pesadelos que você
noites e noites seguidas
e quando acordam
estão empapados de suor
e quando acordam
ninguém fala sua língua
e quando acordam
ninguém sabe seu nome

estranho era seu nome
de solteiro bisonho
seu nome de casado
depois do divórcio
bizarro eu espero
o meu nome

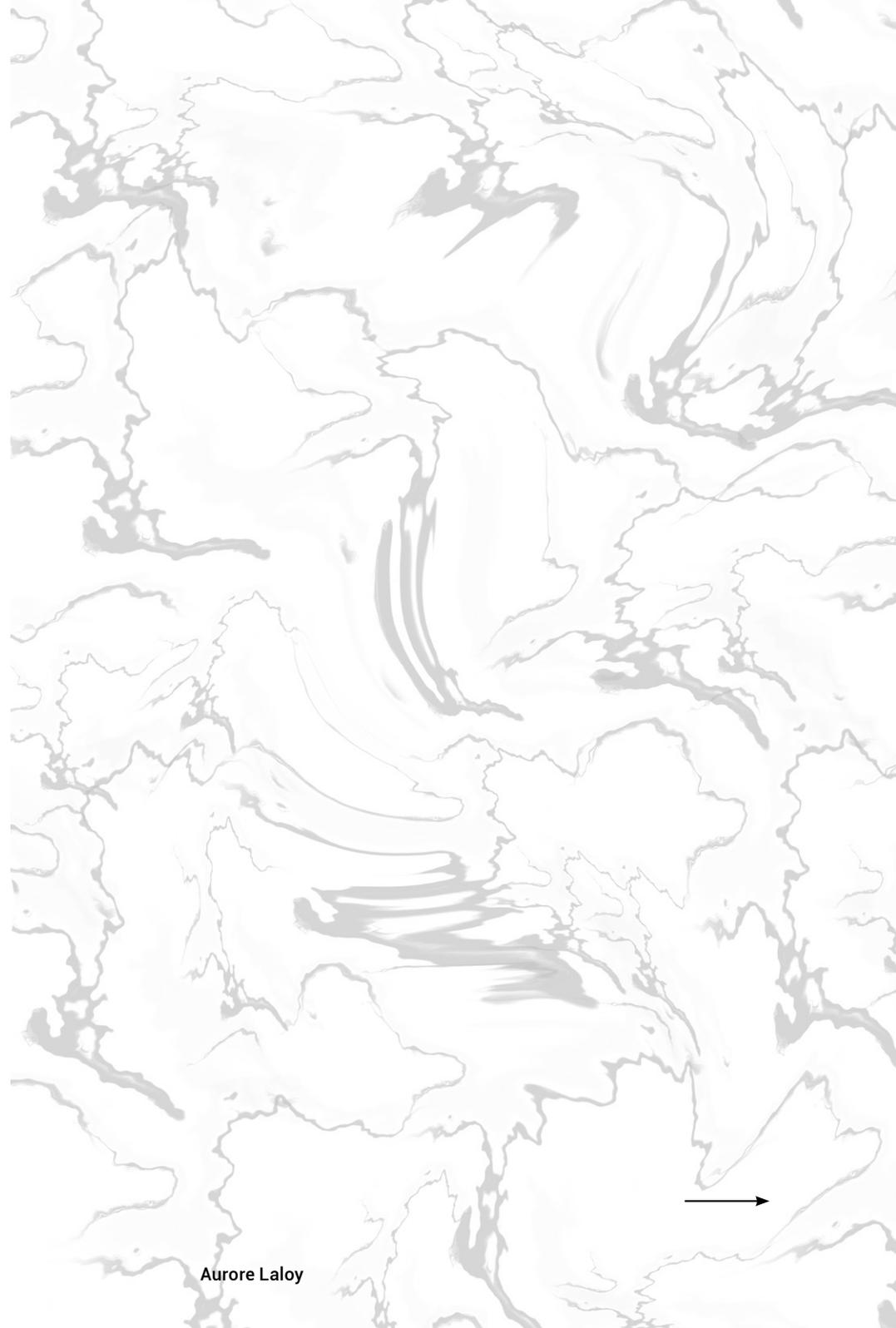
para quando me tornar
viúvo
eu espero o meu nome
para quando me tornar
o homem da meia-noite

este é o nosso último verão juntos
este é o último verão da terra

sonhei que eu era um entregador de livros tipo um carteiro q entregava livros, só q eu entregava somente livros amarelos. eu os entregava de moto de casa em casa e usava aquele mesmo suporte de isopor que entregadores de pizza usam como mochila para manter os livros aquecidos. os livros tinham capa amarela e eu os colocava nas caixas de correio das casas. eu só conseguia ver a contracapa e algumas letras do título da lombada. eu não via a capa. no começo eu achava que os livros eram bolos de fubá para o chá da tarde das pessoas. eu só saía para trabalhar de tarde quando o sol se punha eu só tinha este trabalho, de entregar livros amarelos. não havia nome de ninguém não havia remetentes. tinha quase certeza que era edições americanas do grapefruit da yoko ono. os livros estavam quentes por isso o suporte de isopor para mantê-los na temperatura certa. eu tinha medo que os livros pudessem esfriar antes de entregá-los. lembrei q livros não apodreciam. tinha uma casa que eu entrava no quintal e na hora que eu abria o portão para sair um fusca na calçada bloqueava minha passagem e eu pulava o capô do fusca mesmo sem descer da moto. eu entregava livros também para as pessoas na rua. essas pessoas carregavam sinos. esses sinos badalavam quando os raios de sol os iluminavam. nesse instante comecei recolher bitucas de cigarro no chão mas os cigarros não eram desses cilíndricos pareciam saches de chás eu recolhia muitos e colocava-os todos numa lâmpada que ficava pendurada no guidão da moto.

Bocanadas

No WhatsApp abro uma mensagem. É um vídeo. Encontro da área de museus. Férias. Amigos. Um nascimento e uma morte. Meu filho. Chegavam notícias de longe. Confusão. Abro a tela do Instagram e aparecem todas as fotografias dos meus amigos, todos falam ao mesmo tempo, é uma videoconferência em tempos de COVID 19. As bocas abrem como na obra que estava na exposição Levantes no núcleo narrativo Par gestes (intenses), a obra de Gabriela Sacco “Bocanada”. Todos os perfis de amigos no Instagram fazem uma live simultânea com gestos intensos atualizando a obra “Bocanada”. Todos fazem uma lufada de ar, como um sopro de liberdade. De manhã lembrei do texto do Achille Mbembe sobre o direito universal à respiração.



17 avril
 Goya
 1746-1808
 Le souvenir est le plus précieux des biens que nous possédons. C'est pourquoi il faut le cultiver avec soin et le garder précieusement. C'est pourquoi il faut se méfier de ceux qui veulent nous le enlever. C'est pourquoi il faut se méfier de ceux qui veulent nous le faire oublier. C'est pourquoi il faut se méfier de ceux qui veulent nous le faire perdre. C'est pourquoi il faut se méfier de ceux qui veulent nous le faire voler. C'est pourquoi il faut se méfier de ceux qui veulent nous le faire brûler. C'est pourquoi il faut se méfier de ceux qui veulent nous le faire disparaître. C'est pourquoi il faut se méfier de ceux qui veulent nous le faire mourir. C'est pourquoi il faut se méfier de ceux qui veulent nous le faire vivre. C'est pourquoi il faut se méfier de ceux qui veulent nous le faire souffrir. C'est pourquoi il faut se méfier de ceux qui veulent nous le faire guérir. C'est pourquoi il faut se méfier de ceux qui veulent nous le faire mourir. C'est pourquoi il faut se méfier de ceux qui veulent nous le faire vivre. C'est pourquoi il faut se méfier de ceux qui veulent nous le faire souffrir. C'est pourquoi il faut se méfier de ceux qui veulent nous le faire guérir.



136 Semaine 3
 Mot 147
 114 : via
 : armin
 : fumigie
 : logement
 115 : Aquis. fia
 : xam
 : d'abondance
 : Conant des
 : fleurs d'océans
 116 : Aquis. fia
 : xam
 : d'abondance
 : Conant des fleurs
 : d'océans
 117 :
 118 : : arbes
 : : route
 : : Pinnulation
 : : pennis d'ornate
 : : eau stagnante
 119 : : Trishssia
 : : pine
 : : s'a la
 : : l'antun ?
 : : Tene deuse
 120 : : conpacto
 : : pempote
 : : m'andue
 : : eau l'epu et
 : : d'ornate

136 Semaine 4
 Mot 1849
 121 : : populus
 : : p'ple - foie
 : : separe le vin
 : : d'pan
 : : Tene p'ape
 122 : : puella
 : : hore d'ocum
 : : an lign
 : : Caeris
 123 : : populus
 : : h'ule
 : : T'omulle
 : : monclat opais
 124 : : Puella
 : : hore d'ocum
 : : Caeris
 : : an lign
 125 : : Caeris
 : : p'p'ry
 : : m'nd'li g'han
 : : an crap de juwee
 : : et de p'p'ry
 126 : : via
 : : armin
 : : tolete
 : : Pemp'oseme
 : : d'ogement
 127 : : AMISSIO
 : : p'le
 : : an p'p'ry
 : : Souff'ore p'p'ry
 : : d'ellu m'lede core

137 Semaine 5
 Mot 1620
 128 : : fortuna
 : : minor
 : : a'uce
 : : m'con'p'ale
 : : peu vie a' ecto tem
 129 : : Cauda
 : : d'adonis
 : : f'ours h'ours
 : : P'ng'ni core
 : : et d'ebuit tout
 130 : : Caeris
 : : p'p'ry
 : : p'p'ry
 : : ane b'oument
 131 : : p'ua
 : : p'p'ry
 : : p'p'ry
 : : P'p'ry p'p'ry
 132 : : p'p'ry
 : : m'p'ry
 : : p'p'ry
 : : Tene an'p'ry
 : : reacte



La géomancie ou la vie rêvée de la Terre Réveiller l'invisible

Depuis le début du confinement, j'ai consigné chaque matin, réveil après réveil, jour après jour, semaine après semaine, les oscillations de la planète Terre en vue de relever ses rêves et de les interpréter par la pratique de la géomancie.

A quoi rêve la Terre ?

J1 à J6 / :::: :::: :::: :::: ///

J7 à J13 / ...: ...: ...: ...: ...: ...: :::: ///

J14 à J20 / :::: :::: :::: :::: :::: :::: :::: ///

J21 à J27 / :::: :::: :::: :::: :::: :::: :::: :::: ///

J28 à J34 / ...: ...: ...: ...: ...: ...: :::: :::: ///

Figures rêvées : 13 VOIE 2 PEUPLE 2 PEUPLE 4
REPOS /// 15 MAGMA 15 MAGMA 15 MAGMA 2
PEUPLE 16 FOUGUE 4 REPOS 14 GLOIRE /// 13 VOIE 8
CASCADE 8 CASCADE 7 PASSION 4 REPOS 6 HASARD
/// 2 PEUPLE 10 DOUCEUR 2 PEUPLE 10 DOUCEUR
12 PARALYSIE 13 VOIE 9 CYCLONE /// 14 GLOIRE 15
MAGMA 12 PARALYSIE 16 FOUGUE 3 RÉCOLTE 13
VOIE 7 PASSION ///

Si vous souhaitez m'aider vous aussi à interroger l'oracle géomantique, je vous invite à noter ses desseins par exemple chaque matin au réveil, l'esprit encore enveloppé par la douceur du sommeil. Pour

cela, prenez quelques instant pour vous laisser respirer et bercer par le mouvement infime et subtil de la Terre, puis notez au hasard sur une feuille quatre rangées de traits sans chercher à les compter. Une fois le dessin géomantique terminé, il suffit de compter le nombre de traits de chacune des quatre rangées et d'inscrire un point > . < pour un nombre impair, ou deux points > : < pour un nombre pair, vous obtenez une figure finale faite de répétitions, de passations ou d'oppositions. Maintenant, pour obtenir la signification de votre figure du jour, reportez-vous au tableau de l'oracle ci-dessous :

:::

1 / GRAINE / TERRE // ALBUS / TERRA

Terre légère, labourée, découverte d'une ressource, d'un talent, atout, aubaine, cadeau, succès, la semence deviendra épi

::::

2 / PEUPLE / TERRE // POPULUS / TERRA

Terre riche et condensée, féconde, multiplicité, instabilité, rumeur, foule, anonymat, brouillard épais, effet de groupe, tumulte

:::

3 / RÉCOLTE / TERRE // FORTUNA MAJOR / TERRA

Terre cultivée sur le point de donner une récolte, oeuvre, naissance, événement heureux, grande satisfaction, bonheur

:::

4 / REPOS / TERRE // TRISTISSIA / TERRA

Terre dense, secrets lourds, mélancolie, tristesse, découragement, paresse, laisser reposer, laisser-faire, jachère nécessaire

....

5 / SOURCE / EAU // CAPUT DRACONIS / AQUA

Eau pure et fraîche, fontaine jaillissante, excellentes intuitions, élévation

...:

6 / HASARD / EAU // CONJUNCTIO / AQUA

Eau légère et caressante, inconstance, changement inattendu, rencontre imprévue, jeux de miroir et reflets, confrontation féconde, contemplation

...:

7 / PASSION / EAU // RUBEUS / AQUA

Eau stagnante, liens profonds, du sang, instinct, émotions intenses, passion dévorante, fermentation, jalousie, trahison

...:

8 / CASCADE / EAU // ACQUISITIO / AQUA

Eau abondante, flux, flot, être au bon endroit au bon moment, propulsé par le courant des fleuves et des océans, gains, enrichissement, héritage familial

...:

9 / CYCLONE / AIR // AMISSIO / AER

Air froid qui souffle avec force, perte d'attention, distraction, déclin, échec, il serait sage de mobiliser son énergie ailleurs

...:

10 / DOUCEUR / AIR // PUELLA / AER

Air léger, brise agréable, caresses aériennes, souffle, respiration, espace, mouvement dans toutes les directions, danse

...:

11 / ESPOIR / AIR // LAETITIA / AER

Air chaud qui s'élève, s'échappe en altitude, ascension joyeuse, optimisme

...:

12 / PARALYSIE / AIR // CARCER / AER

Air chargé de brume, brouillard confus, ténèbres enfumées, immobilisation temporaire, solitude, enfermement mental, préjugés, illusions

....

13 / VOIE / FEU // VIA / IGNIS

Feu brusque, dégagement du chemin, torche dans la nuit, forte lumière, chasse les ombres, calme les peurs, permet le réconfort ou la révélation

...:

14 / GLOIRE / FEU // FORTUNA MINOR / IGNIS

Feu vif aux couleurs éclatantes, se donne en spectacle, gloire éphémère, audace capricieuse, bonheur fragile, peut s'étouffer s'il n'est pas entretenu

...:

15 / MAGMA / FEU // CAUDA DRACONIS / IGNIS

Feu bouillonnant, qui couve et détruit lentement,

flammes qui lèchent à l'aveugle, injustice, drame, fausses-promesses, duplicité, pulsions mal contrôlées, sexualité frustrée, s'interroger sur les raisons d'un échec

...

16 / FOUGUE / FEU // PUER / IGNIS

Feu explosif, fogue, besoin de liberté, d'indépendance, rébellion, révolution, action irrépressible ou non coordonnée, attention au débordement, violence, destruction, fascination, fanatisme

EROTA É PTEROTA *[ANAVATAPTA-VAPABUSSU]*

No Cariri há relatos populares sobre um lago encantado, o Vapabussu, lago milagroso que aparece em visões crepusculares. A ingestão de manacá e jurema também serve de atalho à aparição clarividente. Alguns dizem que Vapabussu é o próprio subterrâneo da Chapada do Araripe, que um dia suas águas vermelhas inundarão o sertão.

Os peixeiros são catadores de fósseis de dinossauros em Santana do Cariri. Muitos fósseis são ictiólitos, fósseis de peixes oriundos de um lago existente na região há cerca de 120 milhões de anos. Uma das técnicas dos peixeiros consiste em sonhar com os fósseis antes de ir buscá-los nas matas, atravessando em sonho as reentrâncias da chapada.

Na cosmologia budista há um lago encantado chamado Anavatapta, o sereno, que só pode ser alcançado por meio do vôo mágico. Há uma série de técnicas meditativas que ensinam a voar. Outras sugerem a ingestão de determinados minerais, como na receita taoísta do cinábrio, mercúrio vermelho tido como o sangue coagulado do dragão.

Três libras de cinábrio com uma libra de mel, secados ao sol e convertidos em cápsulas do tamanho de uma grama de cânhamo; em tomando-se dez cápsulas por um ano, consegue-se a imortalidade; por mais cinco anos, consegue-se voar; por trinta anos, transforma-se num adolescente ruivo.

Na estrada do Cajueiro há um vale alagado repleto de palmeiras de buriti. Rodeado por escarpas vermelhas, rochas de arenito em constante

erosão, suas nascentes arrojam uma água vermelha que sabe a ferro e lembra sangue. Os peixeiros bebem da água fazendo-se nictalopes, animais capazes de enxergar no escuro e caminhar em sonhos.

[O LAMACÉFALO]

E Tauã esperava uma visita, no final de toda tarde não sabia bem de quê, apenas imaginava que viria das estrelas à estrada carroçal, que desceria da poeira celeste à poeira do cascalho. E esperava a visita que nunca vinha, o homem da cidade, quando um dia decidiu deixar de esperar, e saiu andando pela noite. E caminhou, e seguiu caminhando sem preocupar-se com o caminho de volta.

Na estrada de asfalto logo antes do controlador de velocidade se deparou com uma cobra transversal. Era uma jiboia amazônica (boa constrictor constrictor) com rabo de manchas vermelhas. Jovem e gorda, tinha acabado de comer alguém. Tauã sabia que era uma jiboia telepática, hipnótica, pois que era Maara, a mulher-serpente amaldiçoada por Visanmuiê, o pajé seu pai, leitor do futuro.

Tauã olhou para os céus onde a lua fininha entre as nuvens, uma linguinha de morcego e sua baba branca, espuma de lua, névoa e uma estrela sfumata.

Fixou o olhar na estrela e percebeu que não brilhava, era na realidade um planeta. Viu-a mais azul e se aproximava, parecia agora uma cabeça, uma cabeça de cão, seria São Cristóvão? Não! Agora via que era mais como um cavalo. Não! Era um animal esquisito, ele sabia o que era, tinha visto na TV,

era uma alpaca, uma lhama, sim uma lhama! É isso! Uma cabeça de lhama sem corpo, descendo, estaria ela em busca do corpo? Em busca de um corpo! Meu Deus!

Até que a estrela desceu e desceu do céu azul, como quem morde as orelhas, trincada estava e quando chegou bem perto, a cabeça de lhama tremendo flutuante, veio uma voz, parecia dublagem, que misturava-se com um hálito de futum de cavalo sujo:

– Ei, mã !

– Fala aí cabeça de paredão! Meu nome é

Tauã !

– Ei, mã !

– Meu nome é Tauã !

– Ei, mã !

– Meu nome é Tauã !

E assim poderiam seguir eternamente até que por um súbito desvio a cabeça de lhama com hálito de esterco disse:

– Como fruto apenas o cérebro. Os peixes do pensamento. Quão cego é quem não pode ver a serenidade !

E explodiu em centelhas, formando os vales cariris, as plantações de milho e as estradas empoeiradas de Santana.

Ao mesmo tempo a história foi outra: a cobra agitou-se vomitando um homem de roupa social branca, calça preta, e o homem estava sem cabeça. E a cabeça da lhama foi ter com o corpo do bicho-homem. E foram-se embora pela estrada, um novo ser, a nova dupla, um corpo inteiro, um espantalho, era o homem de cabeça de lhama, o Lamacéfalo.

[VOLAR HACIA LA CEIBA EMBARAZADA]

Erosão na região da similitude, fronteiras fechadas, a Argentina matou todos os índios do país, a população está preparada para o confinamento e o Estado.

Córdoba é uma cidade no coração do país, repleta de palos borrachos (ceiba speciosa). São pequenas paineiras hominídeas, sempre-grávidas, cheias de espinho e floração hermafrodita cor-de-rosa. As montanhas de Córdoba, a quebrada de los condoritos, as florestas e os rios brilhando em cristais de mica, tudo iridescendo.

Tinha abandonado tudo, a arquitetura e a pintura, quando sentiu que eram apenas aparatos que lhe serviam de espelho social, mais que um desejo profundo que o movesse. Com 73 anos se enfiou numa solidão feroz. Sentia-se agora excluído como nunca para dentro de um grupo social de “velhos”. Fazia par com o vírus.

Às 9 horas da manhã em Córdoba, Pepe des-
perta em seu apartamento, começa a fazer suas coisinhas, esquentar o mate, o pão, ligar a rádio.

Tudo lá fora é luz irisada.

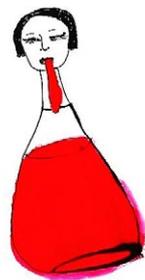
– Só me interessam as formas, diz a si mesmo, as puras formas. E sou consciente de certa duplicidade pela qual posso ficar tão distante de mim mesmo quanto de qualquer outra pessoa.

As ruas estão absolutamente vazias, luz dourada entrando pela janela, o gramado do campus brilhando de orvalho. Lucidez... Serenidade...

– Ah, que vontade de saltar da varanda e sair voando!

Eles que, ferozes, andam pelos ares. O VAZIO é atingido em se criando uma cascata de universos. Entrando em zonas, planos, governados por diferentes entidades. Cria-se mundos, usando um signo gráfico como ponto de partida, e povoa-se-os com deuses e finalmente destrói-se-os. Cosmogonias se sucedem em seu próprio coração. Em imagens descobre o VAZIO universal, a emergência do corpo.

oferta



olho

respiração



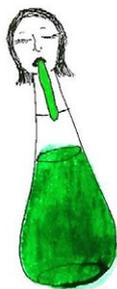
língua

apneia



garganta

imunidade



pulmão

olhos fechados. língua pra fora. respiro.
conto meu sonho em jejum.
como ar.
mesa posta aos antepassados. as cores da língua.

chupar as pedras geladas das imagens
como pedregulhos atirados em uma vidraça
depois da falência clínica
dos quatro pontos cardeais

deitados em caixões de papelão
a gente precisa segurar as próprias costelas,
entre os cotovelos, e acariciá-las
como se tocasse xilofone

chupar cuidadosamente
os dedos da mão
como se fossem cinco luas extras
em órbita imprevisível

*e saturno saturando tudo
com seu olho de diamante*

quando posso coloco a cabeça
de molho num balde d'água
quando a língua dá voltas aplainando as gengivas
o pescoço molhado volta a encaixar
sobre as clavículas
escuto pouco mais
que o gota a gota monótono
do meu cérebro recém-entornado

*do lado de lá da fronteira trancada
a solidão dá batidas de valsa
no osso externo*

estamos em um castelo-masmorra
um grupo enorme de conhecidos/desconhecidos

folheando livros na biblioteca de alexandria
incendiada
nossos cabelos escorrem todos cada vez mais
longos
em algum momento a gente vai precisar cortar

*agradeço qualquer pássaro ou vídeo ou pessoa
que me faz distensionar o agora
e vislumbrar um depois vivo*

queremos tomar banho mas para chegar no
banheiro
é preciso passar por diversas escadarias e corrimões
e finalmente escalar uma parede
se pendurando em um pedaço de muro cheio de
limo
entre um banheiro e outro existe um abismo
a gente precisa ir cavando por dentro das paredes
se apoiando nos canos

*toda madrugada
toca um sino cá dentro
antes das quatro da manhã*

algumas vezes parece que a gente
vai escorregar e levar um tombo, mas continuamos
não vai dar para voltar pro outro lado
vai estar escuro
vamos precisar dormir juntos
deitados nos azulejos do banheiro

os ruídos do motor as velocidades que conheci

*a cadeia de pressupostos necessários
pra essa caneta existir*

vou pegar o elevador
um cara me propõe usar uma cadeirinha de
teleférico
olho a cadeira de correias soltas
balançando sobre o fosso

*os dias passam como pedregulhos do beckett
que a gente chupa,
cospe, e guarda de novo no bolso*

saio pra comprar algo no supermercado
dois caminhões brancos
se chocam um contra o outro, fechando a avenida
a rua é interditada, há sirenes
parece que a batida causou uma explosão

*rasga o peito e racha teus intestinos -
o que é que quer dizer premonição?*

há fumaças e pedaços de corpos, guardas
pedaços e próteses e pés e pernas e roupas

te juro que parece um cenário.
pego uma das mãos, e é de isopor.

*há sons que chamam a alma de volta pro corpo
como os chiados que usamos
pra chamar um cachorro*

há duas galinhas vivas dentro de um saco plástico
é preciso matar uma delas para atravessar para o
outro lado
uma mulher cujo cotovelo eu enxergo de perto
bate a galinha contra a parede, até sangrar
e atravessa convicta
com as duas galinhas no saco plástico, a morta e a
viva

*os enigmas vibram ainda mais duros
do outro lado do espelho de saturno*

um homem barbado com uma fita métrica
com símbolos dourados e sem números
aparece para me guiar
diz que a fita foi consagrada em um ritual
com os hexagramas do I ching

*e saturno saturando tudo
com seu olho de diamante*

vou parar em uma rua sem saída
fechada por placas e uma corrente
onde alguém pintou a palavra
A R M A D I L H A

acalmo os genitais com um cristal de quartzo
soro e cotonete pra aparar o sangue dos ouvidos

eu ficaria muitas noites acordado
vendo o mundo nascer e morrer
sentindo as trepadeiras crescendo
entre as omoplatas

*a gente tem medo de tocar na maçaneta
porque as portas são contagiosas*

peito escancarado
por deuses inumanos que ativam imagens
eles quase matam a gente de susto e fascínio
ensinam a cantar sem agonia

*esse teclado essa tela essa ortografia
essa liturgia velada*

tô catando os milagres que restam
nesse mundo de plástico e telas
os mundos ocultos do lado de lá
dos buracos de espingarda

*e antes de tudo tanta grana,
tanta garrafa pet, tanta luz elétrica*

,

não tem mais metáfora
só um momento desses em que a gente não é uma
pessoa,
mas uma partícula de tempo
e as barreiras da pele parecem frágeis

*olho revibrilhado de corte de diamante
gosto vívido e nauseante do caule de cada coisa*

,

ontem olhei pro céu
e vi três cometas esfuziantes
estilhaços proféticos do asteróide atlas espatifado

*qualquer coisa que se chame carne
é matéria de estrelas que estouraram*

Preciso Contar as Unhas da Minha Agonia

Foi um mês em que ninguém mais ou quase ninguém cortou o cabelo, fez a unha, depilou o buço; ninguém foi pro bar, pediu um drink, dividiu um cigarro, sentou na areia da praia, tomou banho de mar, pulou da ponte velha, pegou onda no hawaizinho, viu que seu rosto se refletia nos olhos dos outros, foi malhar na academia, comeu pastel com caldo de cana na feira, pechinhou no centro da cidade, ficou na praça tomando sorvete, andou de bicicleta pela orla, o moço do patins não alugou pantins para as pessoas andarem no calçadão, o tio do cachorro quente não vendeu cachorro quente, nem a mulher que dizia bora beber bebê com o carrinho na praça do Dragão do Mar, porque ela não estava lá na praça, ninguém brigou com o garçom escroto do café avião, porque o café avião não abriu o mês inteiro. ninguém paquerou na noite, ou dançou muito na boate, ou vomitou de tanto beber tequila, ou curtiu um show, ou fez xixi em banheiro químico, ou disse “vai descer, motorista”, ou se atrasou demais pra qualquer coisa, ou pedalou 12 quilômetros pra chegar no trabalho, ou talvez não, isso acho que teve gente que fez sim. O porteiro não recebeu bom dia, ninguém fez festa surpresa ou recebeu uma festa surpresa, juntou 50 amigos pro aniversário, ou nem 3, ou fez festa de casamento, ou foi pra igreja pra receber a hóstia, ou falar em línguas. não cantaram nas igrejas, não cantaram nos bares, não cantaram nos karaôquês, não se juntaram numa praça pra fazer um sarau, não apresentaram uma peça na rua, ou no teatro, ou em

lugar nenhum, ninguém viu nenhuma performance na praça, ninguém viu nenhum bêbado ou “doido” no meio da rua, os bêbados doidos e poetas são os mais solitários, já dizia hiilda hilst, ninguém emprestou livro pra ninguém, ninguém foi na biblioteca pegar livro, ninguém foi no sebo comprar livro e viu que tinha uma carta escondida, ninguém fez uma serenata, mas já não se fazia muita serenata, as moças e os rapazes que oferecem cartão de crédito na calçada da praça do ferreira não pararam ninguém na rua perturbando quem não quer, o homem que engole faca ou o que quebra coco com a cabeça não foi visto por ninguém, a mulher que canta brega na praça do ferreira não foi vista por ninguém, os pombos não cagaram na cabeça de ninguém, os sinhozins que ficam na praça do ferreira estavam em casa, as pessoas que moram na praça do ferreira estavam em casa, talvez agora mais limpa e silenciosa, mas não sei se eles gostaram, não sei de muita coisa, tanta coisa que um conto não conta.

Ela colocou uma cadeira no quintal e ficou lá, tentando imaginar tudo isso, se pudesse virava águia ou mosca pra poder olhar tudo que não aconteceu por aí, e tudo o que não mudou também.

Acordo do devaneio pelos gritos da vizinha no quintal:

- o que é é é é é é é, meninooooooooooooooooooooo me deixaaaaaaaaaaaaaa.

15.03

cai do céu, vem voando uma tartaruga com três metros de diâmetro, pré-histórica. muito velha. muito grande. por cima das nossas cabeças.

02.04

passo a mão em um camelo gigante que está sentado do lado de fora, ele está a minha espera. é caramelo e enorme e está sentado.

I. devir-escorpião

ontem ou hoje ou de ontem para hoje, sonhei que nós tentávamos matar um escorpião no ralo do chuveiro. eu, minha mãe e minha avó. nós três gritávamos estarrecidas de máscaras n95 dentro do box do meu banheiro com o chuveiro ligado. de um lado para o outro, nós nos empurrávamos e pisávamos nos pés uma das outras, mas não conseguíamos matar o escorpião. nenhuma de nós lembrou que escorpião não se mata com chinelada, e sim, com fogo. incendiado. não pensamos nisso, talvez, porque estávamos aflitas diante de um escorpião que era diferente: era muito pequeno, sagaz, tinha muitas cores e uma textura de plástico. todos os nossos movimentos inundados e desesperados foram em vão. morremos tentando. e então eu acordei lembrando de uma troca de e-mails sobre escorpiões feita em 2016, em que enviei para um amigo algo que dizia que quando encurralado por um círculo de fogo que se aperta cada vez mais, o escorpião para não morrer torrado crava o ferrão em si mesmo e ele logo me respondeu que o escorpião é mesmo um animal suicida porque quando o fogo faz ressecar a água do próprio corpo, ele se contorce fazendo com que o ferrão envergue até a cabeça
e assim
nos extremos que vive
a morte beira
os movimentos possíveis.

Da lista de profissões abaixo, quem você salvaria na eventualidade do mundo acabar e a humanidade poder recomeçar o mundo noutra lugar?

(imagine uma lista que inclui 15 profissões diferentes)

Há um certo prazer em dizer que ninguém escolheria os poetas e o prazer pertence exclusivamente aos poetas.

▪

Escrever poesia tem os seus altos e baixos. Passa-se a grande maioria do tempo em baixo, salta-se pontualmente muito alto, e volta-se a descer. É, dentro da nossa enorme falta de sensatez, a estratégia mais sensata.

▪

O poeta é o contrário do Quetzalcoatlus.

▪

Quase não tenho amigos poetas, porque os poetas são muito parecidos com os cristãos. Querem e lutam muito por um lugar no céu. Se escrever trouxesse reconhecimento, estariam certos.

Não estão certos. Não são poetas nem cristãos.

Antes o céu que o reconhecimento.

Preferivelmente, nenhum dos dois.

▪

O beija-flor bate as asas 200 vezes por segundo. O que fizemos nós de tão grandioso, Mariana?

▪

Há poetas que escrevem para a senhora que limpa as escadas do prédio.

Há poetas que não escrevem para a senhora que limpa as escadas do prédio.

Há poetas que querem que a senhora que limpa as escadas do prédio faça o que ela bem entender.

É uma questão de classe manter entradas e saídas limpas.

▪

Na história da literatura o plátano é simbólico/ porque Platão escreveu uma vez sobre um/ que os homens rodeavam descalços// As versões divergiam no sentido dos sapatos/ Platão descalçava-os/ Cícero calçava-os/ Platão descalçava-os/ Cícero calçava-os/ E o plátano continuava de pé.

▪

A invenção da poesia pertence aos que arriscam a cabeça. Galinhas suicidas.

Coloque aqui a sua cabecinha. Não vai doer

Mas dói.

▪

Dedicar a vida inteira ao poema tem de partir de uma certeza muito grande. O primeiro e o último naufrágio.

▪

Por favor. Um gracejo, uma palmada nas costas, um suspiro admirado e admirável, porque o que dói mais aos poetas, que vivem esperando pular vitoriosamente sem ter, porém, certeza da vitória, é a falta do futuro.

▪

Há uma diferença muito grande entre escrever e escrever. A que está grafada a itálico serve a quem escreve mal.

▪

Era uma vez um poeta que perguntou numa sessão de poesia portuguesa: o que é escrever? Foi reprovado pelos olhares cortantes dos ouvintes. Sentiu-se tão mal que nunca mais explorou outras formas de escrita e, em menos de um ano, dizia sem pestanejar que a poesia era feita de palavras. Tinha muito medo de perguntar o que as palavras eram.

Plasticina.
São como a plasticina.
Fazem acontecer, entretém e desfazem colorida-
mente a vida.

POÉTICA

Não ter país
Não ter paz
e gostar

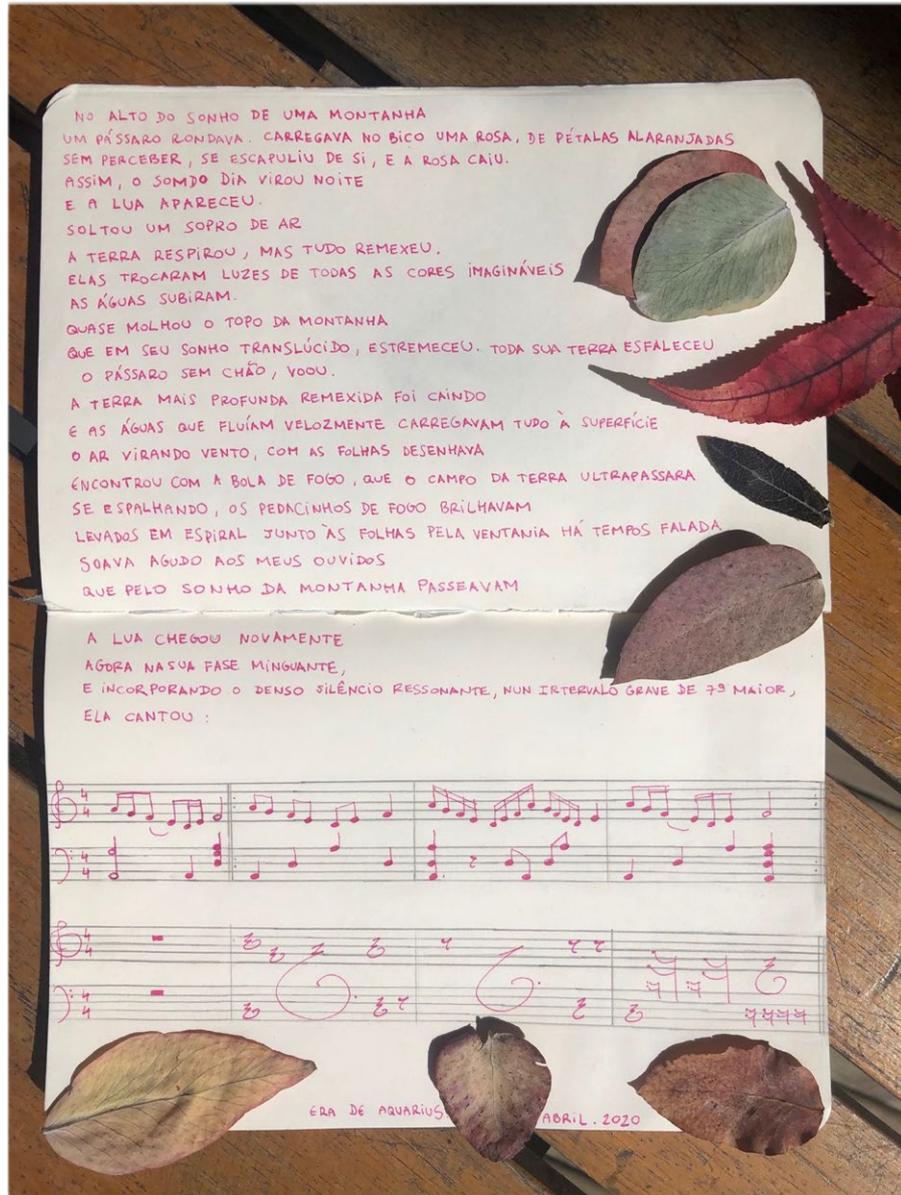
Era uma vez um poeta que perguntou: o que é escre-
ver? E foi maravilhoso.

O poema chega quando cruzo a rua para ir comprar
pãezinhos. Quantos pãezinhos mais até ao último
dos poemas?

Vamos refletir sobre o significado do significado.
Vamos refletir sobre refletir sobre o significado do
significado. Vamos.

Eu & Bob em Mise em Abyme

Uma tsunami antes do colapso. Ela não efetua a colisão. Ela paralisa antes do choque com o corpo, mas permanece a visão do anúncio da colisão. Vi ela vindo e me preparei, não corri, não esperneeii, não chorei. No mínimo, fiz um xixizinho na calcinha. Tive um sonho e era exatamente assim. No momento da colisão, parece que alguém apertou o pause do controle. Parecia paralisia do sono. Eu paralisada, a tsunami paralisada. De repente, fui suspensa no ar, levitando. Achei aquilo tão incrível. Eu sempre quis levitar. E sempre quis também ter aquele poder de bruxas de filme, aquele de fazer assim com a mão e aquilo outro e de repente as coisas flutuarem e eu mudando elas de lugar ou lançando-as pra bem longe sem usar muito a minha força física. Ser bruxa não é isso, mas durante muito tempo quis ser bruxa de filme. Voltando para a colisão. Então estava eu ali, suspensa, quando as cores começaram a se modificar em glitch e abriu-se um portal. Eu sei que tudo ficou branco e depois não lembro mais de nada. Acordei não sei quanto tempo depois e voltei para a minha carcaça física. Algumas coisas fora do lugar. Acho que a percepção do tempo mudou. Ou o jogo do fingir estar no real deles ganhou mais força. Se eu não fosse atriz, eu estaria perdida. Não conseguiria acreditar minimamente na realidade deles. Não é mais fingir. Atriz. Eu sei que posso. Talvez mais algumas mexidas no caldeirão. Uma bola de cristal. Uns acessórios na testa. Conjuuro alguns feitiços. Saudades dos meus amigos. Meu desenho favorito de menina era O mundo de Bob.





Do Outro Lado do Buraco

Enfiar o pau da barraca na areia, rodar, rodar até firmar a sombra. Mas a sombra tá pequena, esse sol tá cada vez mais forte. Rodar, rodar. Uma sensação de conquista de território vai tomando conta, rodar não é mais suficiente, agora é cavar. O buraco já engole o pau da barraca, a canga, o guardasol em si, cuja estrutura de arames protegia os chinelos e a roupa de golpes inesperados da mudança de maré.

Era desses dias de chegar pela manhã para pegar um bom lugar e ficar até ser tragada pelas águas. Tempo virou, mas quase não percebi, escondida no buraco que já ia fundo fundo, eu esticava os braços e não tocava mais suas bordas, depois era tão mais longe! Ainda se via a superfície de areia, um círculo certinho onde havia um azul de céu e nuvens passando desfocadas, não sei se bem pela distância ou pela miopia, essa doença das cidades grandes, que ceifaram (as árvores, os rios) os horizontes, bloquearam o “até onde a vista alcança”. A cada dois metros, uma medianeira desacostuma nossos olhos do que está longe. Ganham os oculistas. Sempre alguém sai ganhando com as desgraças. Lá de dentro do buraco, ouvi a tempestade. Não vi outra saída a não ser continuar abrindo caminho na vala de areia que começou como um soterramento involuntário atrás de uma proteção contra todas essas coisas já listadas acima que podem acontecer num dia de praia: o sol forte; a mudança de maré; a súbita virada no tempo; um possível vírus contagioso, sobre o qual eu obviamente nunca havia pensado, mas cavar era essa tentativa

de dar conta de intempéries, de estar preparada para o inesperado. Não que eu seja uma pessoa de muitas precauções, pelo contrário, sempre fui grupo de risco e quando eu era adolescente, queria ser correspondente de guerra, porque achava que aguentava mais, que meu limite de tolerância era mais extenso. Era uma divagação absurda de uma menina de prédio, mas essa crença na minha auto-resiliência me acompanhava, me deu forças a cavar o buraco mais e mais e quando percebi, o escuro era completo.

O silêncio também reinava absoluto. Não tinha mais como escalar até a luz, eu nem sabia mais se ela ficava pra cima ou para baixo, havia perdido as referências geográficas. O resto de céu que me orientara era do tamanho de uma molécula antes de sumir por completo. Eu só podia continuar cavando, em qualquer direção, para encontrar uma saída. Na plenitude do buraco, não há ameaças de chuva, de ressaca da maré, de sol forte demais, só uma ausência total. No entanto, eu não arrefecia, tinha minha pá e cavucava. O buraco, impressionante, me levava mesmo cada vez mais fundo, parecia não ter fim. Até que uma hora, foi como se ele virasse do avesso, como se eu tivesse tocado a linha do Equador. A partir dali, quanto mais eu continuava o movimento de revolver a areia, eu ascendia ao invés de descer. Confesso que já estava perdendo mesmo as forças nesse automatismo de perseverar no escuro, mas perceber que a direção do buraco tinha alterado sem que eu tivesse feito muita coisa a não ser continuar cavando, me renovou a imaginação. Comecei a pensar no que teria do outro lado, porque depois de andar tanto, tanto, tanto, eu

não poderia cair na mesma praia.

Deu-se que o céu do outro lado não era tão azul, mas também não era suscetível a mudanças radicais, como eu estava acostumada. Era tudo meio cinza, meio branco, meia tigela, um equilíbrio sombrio de dar desgosto nos dias. Uma comida morna, insossa. Um estado de bem estar isolacional permanente. Se bobear, podia-se até marcar o dia de morrer no calendário. Não havia mais o medo da iminente inundação, mas era tudo muito tedioso. Talvez eu preferisse as tempestades, e como num atendimento mágico, a escuridão escapou do buraco, tomou conta do outro lado assim de repente, socializou-se, as redes elétricas romperam juntas numa mesma noite, ninguém tinha mais acesso. Foi então que pude dar consultoria, a escuridão era minha guia.

-

Um rapace

Edson Gomes Teixeira foi condenado a 108 anos. No encontro ao acaso numa biblioteca do centro, não foi possível precisar quantas vezes conseguiu fugir de presídios de segurança máxima do Estado em busca de liberdade. Seu território utópico era uma experiência física, ou de cavar a manilha, nadar com a barriga para cima na vala onde só cabia mesmo um corpo, engolindo esgoto até - quem sabe - encontrar a luz. Foi parar em *Bangu I*, onde os guardas não prestavam atenção nas grades, porque eram de aço. Acreditavam não ser possível serrá-las. Dos tempos do

trabalho na serralheria, Edson sabia que aço serrasse com aço mesmo, abriu, portanto, uma grade com paciência, mas ficou pendurado no arame farpado. Mostrou-me a cicatriz, enquanto contava do mergulho na animalidade do ser humano, na capacidade de ser rapace que vê nos meninos de rua, quando imbuídos do espírito do roubo. Em frente à biblioteca, viu crianças se transformarem em raposas, as orelhas crescerem, tornarem-se pontiagudas, olhos rápidos de um lado a outro, adrenalina nas veias. Edson é um senhor de sessenta e tantos anos, com histórias que não couberam no nosso encontro. Tem mais de quatro peças de teatro escritas, inspiradas nos ensinamentos de Brecht, didáticas, endereçando situações sociais, usuários de crack, moradores de rua. Seu interesse principal é entender sua própria situação: a punição com a cadeia para os criminosos. Não acredita na educação como solução. Sonha com bom ensino para todos, mas diz que todo ser humano tem seu atributo rapace e cita Voltaire, cuja obra leu inteira na prisão. Uma professora universitária da Uni-Rio desviou verba da merenda escolar para si: rapace. Seu melhor amigo é um médico cirurgião, também encarcerado, que dopava os pacientes para ter relações sexuais. Com a licença cassada, o amigo contou de muitos outros casos de desvios e corrupções de dentro do departamento da saúde pública: rapaces. Nossa conversa numa tarde qualquer só foi possível porque Edson tem um tempo infinito preso e mudou de estratégia para não morrer. Aprendeu a lidar com a eternidade confinada, passou no vestibular de filosofia e citou de cabeça um trecho de "A Utopia", do Thomas More. Edson carrega os textos decorados,

porque sabe-se lá onde podem parar aqueles papéis amassados em pastas encontradas no lixo, embrulhados debaixo do braço.

Se tentasse fugir de novo de *Bangu I* e fosse pego, seria expulso para outro presídio. Vinha colecionando inimigos por onde passava. A barba branca e os olhos azuis da cor do uniforme, não afiguram a fera guardada em si. No complexo penitenciário anterior, ele quase foi morto porque quis salvar um amigo, soube de um grupo de matadores que queria assassiná-lo e conseguiu que os guardas o levassem a tempo para a reclusão, de onde produziu sua transferência. Se voltasse, já era, ele sabia, o cerco foi se fechando mesmo. Estudar a utopia passou a ser questão de sobrevivência, para vivê-la de outra maneira. Narrou o prazer de passar a madrugada pintando. Disse que fez dez pinturas, mas os agentes penitenciários apreenderam seu rolo.

As palavras de Edson escorregavam para a ficção, ele ia nomeando e criando uma interdependência entre uma coisa e outra, e minha, sua interlocutora, com aquelas coisas. Ele era agarrado às palavras, fatiava uma a uma em micro-pedaços digeríveis. Em seu confinamento, compreendeu também que quando conta uma história, adia um pouco o fim do mundo.

MALASSÉZIA

A Juliana disse que já tinha mandado. E eu pensei: PQP! Era até o dia 18 e eu achando que era hora de preparar a ceia de fim de ano, quando, na verdade, não sabia se o que estava vendo da janela era mesmo a queda da bastilha ou alguma outra coisa. Tinha um povo usando umas batinas andando de um lado para o outro e cantando algo que eu não sabia identificar se era uma reza, para mim, parecia uma. Até que percebi que se tratava de uma reunião em torno dos dólmens que tem na esquina da casa da minha mãe. Quando eu era criança, ela fazia uma carne na panela de pressão com abóbora, batata, chuchu, cenoura, batata doce e folhas inteiras de couve, ela chamava de cozido. Eu gostava tanto do dia de comer cozido e ele só era feito em ocasiões específicas que eu não consigo precisar quais eram. Aliás, não consigo precisar o tempo há muito tempo.

Tal hora me dei conta de que estava em casa. Pude constatar isso pois liguei a televisão e a Evita Perón estava falando da visita que ela recebera da Michelle Obama e da conversa que tiveram sobre política econômica internacional e a importância de se relacionar com pessoas humanas ao mesmo tempo que as calçada aqui de casa estava precisando ser varrida e limpas com q-boua.

Em uma conversa que tive ontem com um amigo, falávamos sobre teias de relações e possibilidades de materializar as relações humanas em forma de uma representação concreta, visível e compreensível por sensores próprios e subjetivos que deem conta do emaranhado que é o fluxo de relações humanas entre todas as pessoas humanas que vivem no universo humano.

Minha cachorra está com um fungo chamado malassézia e eu não faço ideia de como vai ser o processo de cura pois um fungo cria umas raízes tão profundas que eu não sei se um shampoo ou comprimido são capazes de curar o que se passa na teia de relações entre ela e as malassézias.

Falésias.

A veterinária disse que vai levar uns 20 dias para que a diferença possa ser vista mas que o fungo viverá para sempre na pele da Mafalda – a cachorra. Para sempre na pele.

Acho que tenho algumas relações fúngicas com pessoas humanas

Na conversa sobre as teias de relações, falamos so-

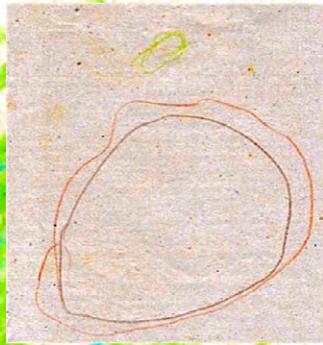
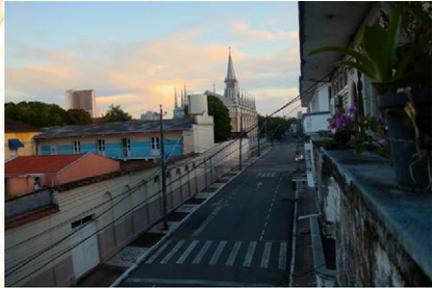
bre a incapacidade de representação material disso e a conversa chegou no algoritmo.

Tem algo em ritmo no algoritmo.

Na descoberta do ritmo, me descubro desritmado, descompensado, descaracterizado, desumanizado, desestabilizado, perdido.

Perdida no tempo de mim mesmo; das relações que se fazem entre eu e as pessoas humanas com quem me relaciono. Enquanto isso, malassézias, panos brancos, caspas, micoses e cândidas se criam e se recriam em minha pele, não importando se o que está em questão é um vírus mortal. Os fungos da pele só matariam em condições extremas de expansão. Mas um fato é que eles estão sempre comigo. Eles são eu; eu sou eles. São as relações fúngicas que tenho com pessoas humanas. Aquelas que ficam na pele e nunca vão embora.

E eu estava achando que ia comer salpicão hoje.



Maapeando o cotidiano em tempos de imersão-casa-
-corpo, uma carta para o Tuan
#dia30 quarentena -17 de abril de 2020

Aqui começo a descrever as pequenas ações de um cotidiano casa-corpo. Deixo pequenos fragmentos de simples ações e rastros de memórias dos dias em tempos de imersão.

Nós estamos há trinta dias sem sair de casa, estamos inventando os nossos dias, tentando sobreviver diante da força de um vírus. Confesso, que não tem sido fácil, mas conseguimos por muitas vezes elevar nossos corpos e subverter o movimento do medo e da ansiedade.

Toda tarde, gostamos de dançar, tenho descoberto que você inventa passos, mexe o corpo, pede para filmar e diz que está no palco. Acho lindo. Eu fico observando, achando tudo lindo, não revelo para você o quanto às vezes me angustia não poder sair de casa e não ir visitar sua avó.

Respiramos e continuamos a dançar. Pela manhã o café, o sono, o espreguiçar e a tentativa de uma ioga. Faço que consigo estudar e trabalhar, enquanto na verdade, não estou conseguindo. Teu pai, mexe e remexe nas madeiras. E nós mexemos e remexemos e burilamos os dias.

Estamos anotando e desenhando nossos sonhos. O mistério de escapar sem sair de casa- o sonho- o mistério de abraçar- sem sair de casa- outro sonho- o mistério de nadar- sem sair de casa- mais sonhos ...

Em tempos...os sonhos têm nos revelado o desejo de estar em comunidade.

1. Sobre contar e desenhar sonhos

Dia desses sonhei que estava na Praia de Iracema e estava a noite, o céu estava escuro e próximo ao mar tinham duas piscinas que brilhavam e refletiam o verde e emanava uma luz forte para o céu de tanto brilho. Nós e os amigos brincávamos de conversar, de bailar na frente do mar, de tocar a areia como antes não tivéssemos tocado. A areia brilha. Ao olhar para o infinito do mar verde/azul/constelação, vimos uma onda gigantesca se formando e vindo em direção das pessoas e todos que estavam na piscina começaram a correr, por nossa sorte a onda foi para um outro lado. Pronto. Susto e suspiro. Respira e volta a viver. Esse sonho tem marcado todo o meu momento de quarentena. Estamos em modo de sobrevivência. Na luta constante pelo ar. E os sonhos têm nos tirado da realidade e nos levam para fora de casa, voando, nos inventam em outros espaços. Tudo parece filme-real-inventado-fabulação e medos.

Nós dois todos os dias ao acordarmos conversamos do que sonhamos. Eu tenho sonhado com o passado longínquo, acontecimentos reais, que voltaram para o sonho. Você desenhou o planeta e o vírus atingindo o planeta. Desenhou seus amigos. Desenhou cartas. Desenhamos sempre o fora, o acontecimento dos encontros.

2. Coragem e magia

O corpo é uma paisagem em movimento. O corpo agora em movimentos micros, da sala para o quarto, para a varanda, para a cozinha, o corpo que se debruça na janela para olhar outros pequenos corpos que caminham perigosamente nas ruas. A paisagem é vista

de dentro. Todos os dias observamos a paisagem da varanda, da janela. Olhamos para o céu, brincamos de mover nuvens, de tocar gaita para os pombos parados nos fios de energia. E como você bem fala, temos coragem e magia para acabar com o vírus. Temos brincado de sonhar acordados, imaginando os encontros que tem por vir.

3. Da janela para a rua

Corpo-casa. Tenho pensado na existência micro do meu corpo, tenho pensando o quanto tenho apenas pensando, e sem movimentar-se para a rua, o pensamento fica rondando e rolando e pairando no meu corpo, na minha casa, extensão do meu corpo e, muitas vezes o medo se aproxima. Observamos da janela a parada de ônibus vazia. Na rua pessoas caminham com sua nova vestimenta- proteção contra o vírus- máscara que apreendem o corpo e que libertam de uma doença. Vivemos momentos de afastamentos.

4. Uma onda gigante- o mar- o mergulho no infinito.

a paisagem vista de dentro. um corpo que acorda. que cuida. respira, senta. pronto. descansa, soltar o ar, respira novamente. – tá tudo bem, mamãe. nós somos amigos, estamos juntos.

5. O que pode uma imagem?

Qual história você contaria a partir desta constelação de imagens?

abraço e magia da sua mãe
Rúbia Mércia

Carta

Jà fazia um tempo que o tempo tinha parado. Desde que pisei na terra dos Caribes, jogando junto com as amarras os meios de viver minha vida como acreditava até então fosse normal. Entrei de cabeça perdida no mundo dos adultos. Trabalho, grana, compromissos. Logo comprometida. Pactuando com o colonialismo francês e com o capitalismo liberal. Queria lavar a braquitude do meu ser tomando sol na cara seis horas por dia. Mas tinha como? Não tem nem cobra na Guadeloupe, e com elas foram esgotadas todas as possibilidades de revolta do povo negro. Ilha. Tomada. Vingança racial. A descoberta desse Novo Mundo foi tão violenta, violência de um Mundo que nem sabia, violência de um Mundo que não queria, violência de não conseguir falar isso com ninguém, que aceitei sem sequer me dar conta de deslizar. As pessoas em volta, os beija-flor no terraço, a vista sobre o mar à direita e o vulcão à esquerda. Todos os elementos pareciam me implorar para não ter a aparência translúcida do que é preste à desaparecer. O torpor dos basiados, do calor, um sono. Comecei a viver de madrugada, deitada na minha cama, os olhos fechados. Amizades, amores, sexo, situações incríveis, viagens, tão bacana.

Não consegui mais parar. Catapulta russa. Outro mediano, outro paralelo, mesma recusa do real. Sao Petersburgo morria sob o peso da neve nos telhados, silêncio das ruas gélidas e noite perene. Vagava chapada de tanta irrealidade laranja, e de repente

figuras vestidas de parkas e de chapkas, falando uma língua feia, surgiam da esquina, para vir me confirmar que tudo aquilo era invenção minha. As avenidas perpendiculares e paralelas. Esquerda direita esquerda esquerda. Me sinto dentro de uma bolha de Natal, sou um personagem do futuro na cabeça do tsar Pedro I que sonhou de uma cidade na maré e sequestrou milhares de construtores. Sacrificados pela grandeza de Mother Russia. A realidade encontrada por fim num sex-toy: pele, suor, clitoris, dor e prazer, de olhos fechados. Continuava na minha. Dias felizes em casa, segurança do lar onde podia existir sem manifestar, sem os ataques do mundo exterior. Perigo? Tinha. Barbies, machismo, obediência. Velha guarda de Stalingrado 1942 transformada em condutores de ônibus e enfermeiras nos hospitais, bibliotecárias de bairro. Resolvi voltar. Três anos no fundo do buraco do meu cu. Não sabia nessa altura que tudo isso não passava de um programa de treinamento básico.

Acreditando poder voltar no tempo só porquê estava voltando em Paris. Claro que não. Burrice minha, fome de uma vida real que já não existia mais. Acordei numa cama de hospital, um contrato assinado para trocar de rosto. Sonhava de ser eu, me deparava no meio da noite com minha nova aparência e um suor frio descia na linha que separa minhas costas até eu cair de sono. Tramadol, dores, inchaço. A radio falava de um vírus por vir, longe. Os raios de sol nos telhados cor de giz de Paris, nas manhãs de inverno de uma zona temperada do planeta Terra. Barrio burguês, quarto imenso, piano de cauda, an-

cestrais pintados nas paredes, e eu ai, aguardando poder colocar os pés no chão e nos paralelepípedos da cidade. Não deu muito tempo. Carcaça e músculos em reposição reféns do vírus do fato de uma partilha do ar. Fronteira epidérmica.

A febre me acompanhou em lugares que já conhecia por conta de meu treinamento. Destacavam-se de novo do fundo da minha memória, de uma memória fabricada, as pessoas amadas, o passado, as paisagens. Mil partículas atacando o nariz, a garganta, o estômago, os olhos, os rins, a cabeça, a vagina. Nesse deslize me parecia conseguir as ver nitidamente, inúmeras e pequenas, poder localizar perfeitamente as enzimas, as bactérias, as proteínas do vírus, os anticorpos, as apontar com o dedo ai dentro. Parei de ter outras imagens. Me falaram do mundo exterior: as praças de Roma vazia, drones no céu dos vilarejos da Sicília, as filas imensas para comprar comida, gritos de idosos ecoando nas casas de repouso abandonadas sem ter socorro. Me falaram do Mundo que tinha se tornado um pesadelo coletivo. Fechei as portas, as janelas, as asas. Fechei a capacidade de criar representações dessas palavras. Apenas o aqui na espera da catástrofe.

Os primeiros sonhos brotaram umas semanas depois. O medo de dormir, o medo de acordar no meio da noite como um peixe fora da água, o medo de sucumbir em direção de uma máscara de oxigênio deixaram por fim meu corpo tranquilo. Percorro espaços imensos. Vejo tsunami de baixo da água, saio voando sobre os sertões do Irã, fico horas no meio

de um jardim japonês. Cacos de vitrais me perfuram mas continuo a falar de boa, explicando a arquitetura da igreja gótica que acabou d'explodir. Minha mãe me pede de não andar tão rápido pois ela gosta de arquitetura. Me mostra um detalhe que não tinha reparado. Os peixes em volta da gente, como fossem pássaros. A alta resolução das imagens não me engana mais. Meus poderes fellinianos voltaram à tomar posse das madrugadas pois os elementos em volta de mim ganharam em realidade e já não me deixam transforma-las em velhas fotografias. Pedem que eu esteja, que atravesse a fronteira da minha pele, do que acontece ai ai ai, para pensar de novo na medida do tudo, eu que quis ser astronauta e que encontrei pelo menos a filosofia para me salvar da mediocridade do si. Puxar as fronteiras até no mínimo a estratosfera, e por isso comer e beber sem pressa. Comecei outro programa para treinar.

Pequenos
esboços para
mundos
em
germinação



2022
REBELIÃO DE
POVOS INDÍGENAS
DERRUBA GOVERNO FASCISTA
E REDISTRIBUI
TERRAS NO BRASIL



APRENDER
COM O TEMPO
DOS VULÕES



O Sonho Há de Ser Pesado

desde que tudo começou não tenho conseguido sonhar. é como se o tempo corrente fosse tão pesado que assola e violenta toda lasca de imaginação, sonho ou qualquer coisa que consiga fazer buraco ou redemoinho no presente. meus sonhos têm sido tristes e pobres de imagens, e quando aparecem, somem no instante seguinte. sinto agora um incômodo na junta entre o polegar e o indicador e preciso estalar a cada meia hora o osso que liga um dedo ao outro. os movimentos estão enrijecidos, carecem de óleo e coragem para fazer a engrenagem funcionar ou para quebrar a engrenagem que sempre os suportou. os gestos se repetem à exaustão. manusear o celular, acender o cigarro, torcer a maçaneta, abrir a janela, pegar na panela, virar a cadeira, tirar o lençol do colchão. os gestos estão confinados. estavam. uma garota de nove anos percebeu que, depois de virar uma panela do avesso de tanto bater com uma colher, o gesto repetitivo e a força dispendida não surtiram efeito algum. os vizinhos continuavam nas janelas, os cachorros ainda latiam, as ruas permaneciam vazias, as notícias circulavam como sempre. frustrada, a menina viu um tambor abandonado no canto da sala e decidiu trocar o instrumento. bateu uma vez, duas, três. na quarta batida, a mãe que estava acamada calada imóvel aparece na sala e pergunta que som grave era aquele que fez estremecer o chão e sua cama saltar. a menina começa a bater de novo contra o tambor, agora com mais força. o estrondo, cada vez

maior, vai mudando os objetos de lugar. a tv da sala perde o sinal, os copos de vidro são lançados dos armários, os livros ao chão. as luzes da vizinhança apagam. a mãe da menina, pelos movimentos dos membros, pernas e braços em êxtase, o corpo como uma erupção de vulcão uma veia jorrando sangue um animal siderado, estava curada. a doença naquela casa parecia ter sido exterminada. a cama não era mais um leito de morte, uma superfície para a dor. as coisas não estavam mais no lugar, mas tudo bem, um impulso de movimento invadiu o corpo da casa dos seres e das coisas. os vizinhos, assustados porque as redes televisivas de informações foram interrompidas, saíram de suas casas para saber daquele barulho, estrondo, relâmpago ou trovão, mão não estava chovendo. alguns viram que o muro da casa da menina estava rachado. a mãe levou a menina pra frente da casa e pediu pra que ela tocasse até o muro cair. o muro desabou. os vizinhos em transe, pulando e torcendo o corpo de suas varandas. uma sensação de alegria invadia aquelas casas e apartamentos antes mornos, tronchos pelo enrijecimento da vida. a mãe pega algumas latas de tinta vazias, tambores guardados dos festejos de antigamente, colheres de pau, varetas e enche um carrinho de mão que há algum tempo atrás foi usado pra elevar a altura do muro da sua casa. as duas saem pela rua e enquanto a menina investe sua força violentamente contra o tambor, os muros ao redor desabam, deslizam, deságuam, as gentes em polvorosa, a mãe vai deixando os tambores e fac-símiles em frente às casas. quando viram a esquina, percebem que algumas pessoas a acompanham de

longe, tocando seus tambores. as gentes descalças enchem as ruas, racham o asfalto, estilhaçam os vidros azuis, derrubam os postes, rompem os sistemas de fluxos aéreos. um cortejo, um ritual, uma festa, uma trama, uma celebração de cura. a cura vinha da gravidade. não havia coisa leve, tom agudo, harmonia ou pensamento positivo que fizesse cisão, corte ou perturbação na doença. a cura vinha da desorganização, da desordem em ato, da violência de um gesto, do furacão, do atrito do chão, dos céus, das coisas. Foi precisamente aí que voltei a sonhar e outro mundo começava a se tramar.

19/03/2020

Crença espiritual de ateu

Minha mente me macula
Meu corpo me cansa
Meu coração sente
À distância, hoje vejo, não é sentença, mas em si julgamento aos justos de coração
Meu pensamento justifica a distancia
Meu corpo aprende novos caminhos e seres
Meu coração bate vibrando um espírito harmonioso
Não prendo- me as dores injustas, medos, traições ou desdém
Há uma construção faraônica em meu pequeno poeta
Aos desdenha dores à paz e o amor
Aos amantes a felicidade
A mim o mundo em abundância do todo de mim
Crescimento espiritual- metafísico não é vidência é energia vibracional universal

Até os ateus acreditam!

Poesia para não poetas

13/04/2020
Valsas à borboleta

Dancei todas as valsas quando o amor voltou

Dancei como a bailarina do lago e cisne não se viu,
mas dançava como água

Dancei sem par como se par tivera em um bailar
de borboletas e chamas violetas, verdes e rosas me
cercaram

A surpresa de pequenas mãos me vieram e na valsa
no lago me acompanhou

E dancei, dancei, dancei e flutuei no bailar de cores

Ha se poeta fosse contaria a poesia do lago que bailei
e borboletas me acompanharam e uma me cedeu a
mão, o corpo e o coração, chorei e sorri, vivi e morri

Agora de um bailar real me pus a sonhar
Não mais lágrimas, não mais solidão e em borboletas
a valsa e transformou.

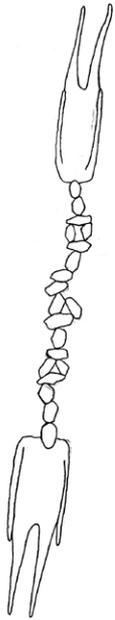
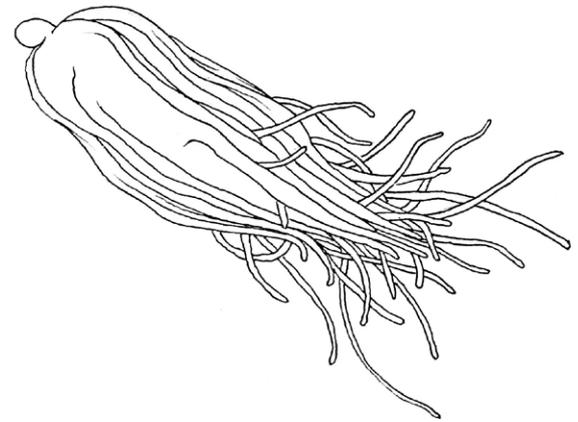
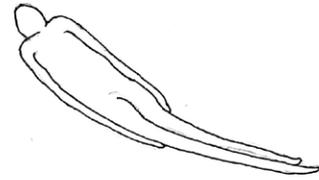
Serie Escritas à Pamela

“das coisas que ando bebendo muito”





temo rombado
hendrado pouco





Autorretrato [40] - 26.04.20

Salto de sereia. 40 gotas de santo salitre. “a aurora com seus dedos rosados”. No instante da virada dos dias, a um passo de entrada na infinita madrugada, elas se juntam para acordar a alma de Sekhmet. É impossível seguir sem ela. Suas bocas, narizes e olhos fecham o rosto diante do mundo, escutam as vozes lamuriasas que anunciam os últimos gestos dos milhares que estão indo. **Habet Deam in manus eius.** Cruzes! Retorno ao cru. Coro em intervalo. Ísis os espera com o peito inflado, os braços abertos e suas 84 penas armadas. O depois não se sabe. Segundo os indígenas, a floresta dos fantasmas fica nas costas do céu. É de

lá que eles continuam orando, cantando, dançando e entoando Sumak Kawsay ao que não conseguiram aqui. Tudo parece mudar de lugar, já que a terra agora está no fundo do que chamaram de paraíso. E se está lá, então, onde nós estamos? ... Depois da erupção do Anak Krakatoa... Depois da tempestade dos 3 mil raios... Depois da chuva de meteoros lírideos... Depois do acasalamento dos pandas... Depois do aparecimento do sifonóforo de 45m... Depois... Depois... Perdemos o tempo. É preciso viver essa perda. Oumuamua passou há 11 dias atrás, quis nos dar um aviso e nem notamos. Mutação em curso. Choque de futuro. Não há herói para apagar as labaredas. Há uns 40 anos atrás os russos abriram o “portal do inferno” em Davarza/Туркменистан. Ainda está lá, acesso, sem fumaça e nenhuma explicação científica. Deve ter a mesma atmosfera daquela cidade cega, de luz excessiva e verão eterno. Ela continua sendo uma lembrança e às vezes uma miragem por trás das colunas de ferro oxidadas. Não tem volta. Nem eu que perdi um pedaço do ílio direito no décimo quarto sonho da vigésima quinta noite. Essa descompensação óssea fez meu corpo fraco entrar num Toré sem fim. Eu poderia ter observado mais os Pankararus naquela visita ao Raso da Catarina. Mas, fiquei nos Tatus, no berro do bezerro novo e na chegada das três araras-azuis-de-lear, às 17:43, uma vocalização semelhante a: *gree-ah* e um “choro” *ara-ara...trrahra*, dos sons mais lindos que já ouvi. Perto dessa beleza, só mesmo as poses daqueles três samburus de cabelos vermelhos longos, vestindo saia e com suas pontas de lanças

erguidas. Jimmy Nelson registrou essa imagem. Eu também registrei os sons da araras azuis. Graças a Cemave elas não sumiram. Aaaaah, Aaaaah - Imigrant song (Led Zeppelin), elas vieram do sol da meia-noite, continuam chamando por Sekhmet. Viramos a madrugada de novo. Nem todo dia é dia de vitamina D. Aqui por enquanto, só chove. O único laranja vivo possível só tem sido visto nas alquimias incendiárias do @fluxomarginal, onde toda a história é recontada, recortada. Prenúncio e desejo. Onde estão as catapultas? Onde estão os atiradores de elite? Na sala de jantar do presidente há um Para Fal 7,62 emoldurado. Perdemos o botão de reset no algoritmo e ficaremos forever and ever na tela da juventude onde trocaram as moedas por likes, por lives. Ninguém escapa. Já existem várias trilhas sonoras para o fim do mundo. Desde sexta eu tenho dançado a do @mateusfaze-norock com as mãos em prithvi mudra e pensando na frase que o Papa F. disse naquela missa vazia: “a escuridão e a morte não tem a última palavra”.

Da Laje Avistamos o Céu

1 ônibus sanfonado e 3 outras aeronaves com letreiros de farmácia sobrevoam e fazem manobras
Desvio, guardo os sobrinhos num movimento com os braços
Pequenos, debaixo de minhas asas junto às costelas
O gesto traz força ao meu corpo
Acordo, vestida em uma blusa de algodão com estampa de dragão chinês
Ainda em família, outros membros se articulam, outro acordo
O esmagamento de Bolsonaro
O atropelado, sem imagens, somente a razão da morte
Dentro do carro estávamos eu e meu pai, sem desculpas
Apenas falamos em limpar os restos, sumir a lama, mas nem mesmo o barro era visível
Os faróis ofuscam, atravessam do olho ao córtex
Carrocerias cruzam o imaginário bélico
Alguns contextos de morte e aplastamento fazem da retina uma passagem
Me fecho. De dentro surgem bifurcações, sem desvios
Impulsiono os pés e volto a voar como quando criança
Alucinar voos, transpor-me à mutações que essa casa e o mar acompanham

Única residência com a qual convivo desde que cheguei a esse plano multidimensional
5, quantas menções? Poderia transcrever a partir de vetores combinados
O vazio redimensionaria esse número
Espaço, o clã da memória
Visita visível e efêmera
Entre tias, primos, avós, irmãos... todas ressurgem atualizadas
Entre elas um grupo de mulheres indígenas me ensina uma dança circular
Os pontos de vista estão nos pés

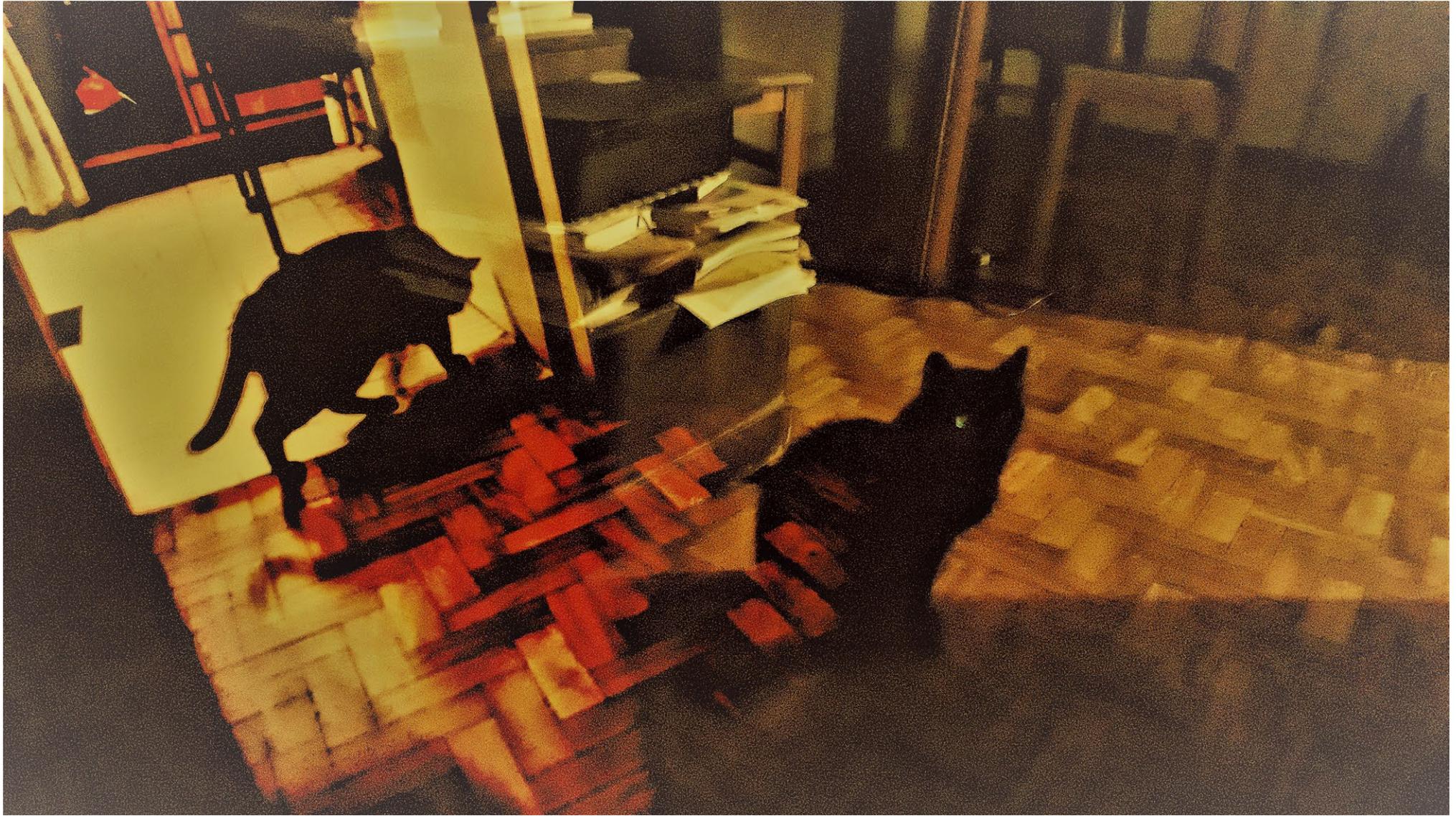
Coreografias
Raízes
Impermanência
Transe intravenoso
Suspensão de trânsito aéreo, aterrissagem, reparação
Dormir de rede como exercício de levitação
Substâncias convidativas
Chama combustível
Incendeia e ascende da matéria ao éter
Ainda antes da fala
Matriz
Mana
Prana
Ar

Morada

Agora tenho de escrever nas brechas
antes não era assim
os céus se fecharam quando a vida selvagem chegou ao fim e as caravelas do assombro aportaram em segurança. Praias nada remotas são vistas pelas janelas das kitchenettes com que sonho, dos cubículos com que sonho, das casas praianas, das criptas, dos apartamentos vazios com interiores de madeira, das mansardas em ruínas com que sonho, e quando acordo não resta memória além da água doméstica cujas ondas sou eu mesma tentando escapar (a que sina invulgar?)

Não acendo cigarros, não me sirvo de uísque subo nos elevadores como um animal sem instinto e aguardo lá dentro como um naco de poeira.

Eu sonho com casas
às quais chego sozinha
e me instalo
qual olho secreto
onde a luz não chega
a interrogar com minha presença:
que é uma casa por si mesma?





As dores do caminhante combatente
não são da ordem das dores
são da ordem da raiva.

Durante anos que se foram meus pesadelos abafavam meus sonhos. Hoje os pesadelos do ódio estão se distanciando. Suas formas disformes, lutam contra um eu que não desiste. Mas que um dia desistiu e se entregou ao mundo das sombras que se movimentam nas noites. Ao acordar daquele horror, o desespero da sensação grudada em minha carne vermelha já não deixava meu caminho correr. Não me deixava sofrer e chorar o que tinha que desaguar. Me usava de forma torpe, nada sabia de mim... por isso um dia caiu sobre os ódios dos horrores, dos seres, algo que não se limita em vir sentir em mim, sonhar em mim, sofrer em mim... aconteceu depois de um texto confuso, como esse, no qual minha falta de direção me fez perambular pelas noites para não ter pesadelos: uma hora teria que dormir... sonhar longos sonhos lúcidos; as únicas imagens exatas se mostravam como banhos de surpresas...

Boa noite.

Vou contar um sonho do dia 9 de abril.

Sonhei que olhava essa mão esquerda, essa que se apóia nas teclas da região esquerda do teclado que digito neste momento. Minha mão esquerda, em posição de cuia, como quando queremos pegar a água com as mãos. Ela estava coberta por teias de aranha, muito finas, em várias camadas, por onde se movimentavam as pequeninas aranhas donas daqueles fios. Quanto mais eu tirasse essas camadas, mais apareciam outras e mais aranhas apareciam. Sobretudo perto dos montes de Mercúrio, Apolo, chegando a atingir Saturno - em outras palavras, nas partes gordinhas da palma da mão que ficam embaixo dos dedos mindinho, anelar e do meio, respectivamente. Ali elas se concentravam.

Acordo pensando: “o que é a aranha enquanto símbolo?”. Abro um dicionário de símbolos, duas páginas inteiras para o verbete “araignée”, em francês. Me chama a atenção, entre as acepções provindas de diferentes tradições e sociedades: a aranha artesã do tecido do mundo, tecedora da realidade, senhora do destino, vidente. Pois aranhas na palma da mão, justo quando retomo meus estudos de quiromancia, precisariam apontar para isso.

Mas tantas aranhas juntas? As aranhas não vivem sozinhas? Mas nascem em grupo, me disseram. Eram bebês-aranha, então, que passeavam pela minha palma esquerda.

Nos estudos de quiromancia, a mão esquerda está

relacionada àquilo que é inato, ao que trazemos conosco quando encarnamos neste plano, nosso destino, de certa forma. É como se fosse uma mão que olhasse para o passado, não por uma visão linear - o passado que já passou - mas numa perspectiva de forças que se encontram latentes, que estarão sempre latentes podendo ou não serem atualizadas. Nossas “tendências”, digamos assim.

Junto os dados: mão esquerda, retirar as teias, encontrar os bebês-aranha: do que nos foi dado é necessário desapegar do que não nos serve mais e é possível tecer mundo. E isso é tão importante! Terceiro-mundo-diferente, é a questão. Estamos aqui, agora, soltos na queda livre da destruição do que conhecemos como mundo dito único: atraídos em força centrífuga, com uma aceleração de 10m/s², em direção ao centro da Terra. Em outras palavras: essa queda livre é estática: estamos aqui, parados na superfície do planeta, astro esférico que nos atrai sem cessar para que não saíamos por aí voando no espaço sideral. E é nesta superfície mesmo, da qual não podemos fugir, que há destruição e que há uma tarefa de reconstrução. Mundos possíveis.

Ver Atravessando Ver

Não me sai da cabeça o mantra: “lokah samastah sukhino bhavantu”. Uma tradução possível seria: “que possam todos os seres de todos os mundos serem felizes”.

Meu avô dizendo que a escolha do comunismo estava “equivocada”. Ele usava um argumento sobre a acumulação de riquezas. Deletei esse e-mail, mas trago a memória nítida de impossibilidade de comunicação, a sensação revirada de um desencontro.

É por isso que é tão importante aprender a dançar. Sonhar a dança, sonhar a palavra voz, silêncio, sonhar a palavra corpo. A voz que habita o corpo. Em sua presença flutuante essas palavras vão inventando a gente e mesmo assim podemos sempre escolher não dizê-las.

As críticas do vovô Tano, no entanto, de alguma forma traduziram-se numa irritação que eu senti atrás do pensamento. Era a resposta dele, em frases curtas e grossas, a um texto que eu havia traduzido do Agamben sobre o amigo. Isso já tem alguns anos. Delineio uma transcrição ou o que eu sinto que alguém sente, por entre os poucos instantes em que nos pudemos dirigir a palavra com um pouco de escuta da frase. Ele, que me deu um livro de discursos de Mussolini quando passei a estudar literatura italiana, e uma espingarda quando nasci. Em minha caminhada de tradutor conheci outros autores. Além do Agamben e do Pasolini, que en-

contrei na graduação na UFMG, o Negri, que habitava a estante materna e que depois fui redescobrir como integrante de um coletivo a publicar na internet. O pensamento marxista que não se reduz a regimes cruza-se com a obra de todos esses fazedores do pensamento, mais ou menos intensamente. Teve também um ensaio de arte sacra escrito por um padre, que traduzi. E teve uma bicha do século XIX que foi uma verdadeira bala, um encontro deslumbrante com outras realidades acessíveis no corpo vibrante-dançante do aqui da leitura.

E então alguns anos depois, nos dias de plena pandemia da covid-19, sonhei com ditaduras comunistas. Foi Berlim Leste na época de um racionamento, e na semana seguinte foi o metrô de Moscou, onde nunca estive com o corpo físico. O metrô estava iluminado por apenas um pequeno lustre aceso num corredor imenso de mármore e painéis de esculturas de bronze. Vozes que ali habitavam murmuravam incessantemente para mim estratégias repetitivas numa espécie de ostentação de que sempre dariam certo. Nada diferente do que se vê hoje tanto à direita como à esquerda, portanto.

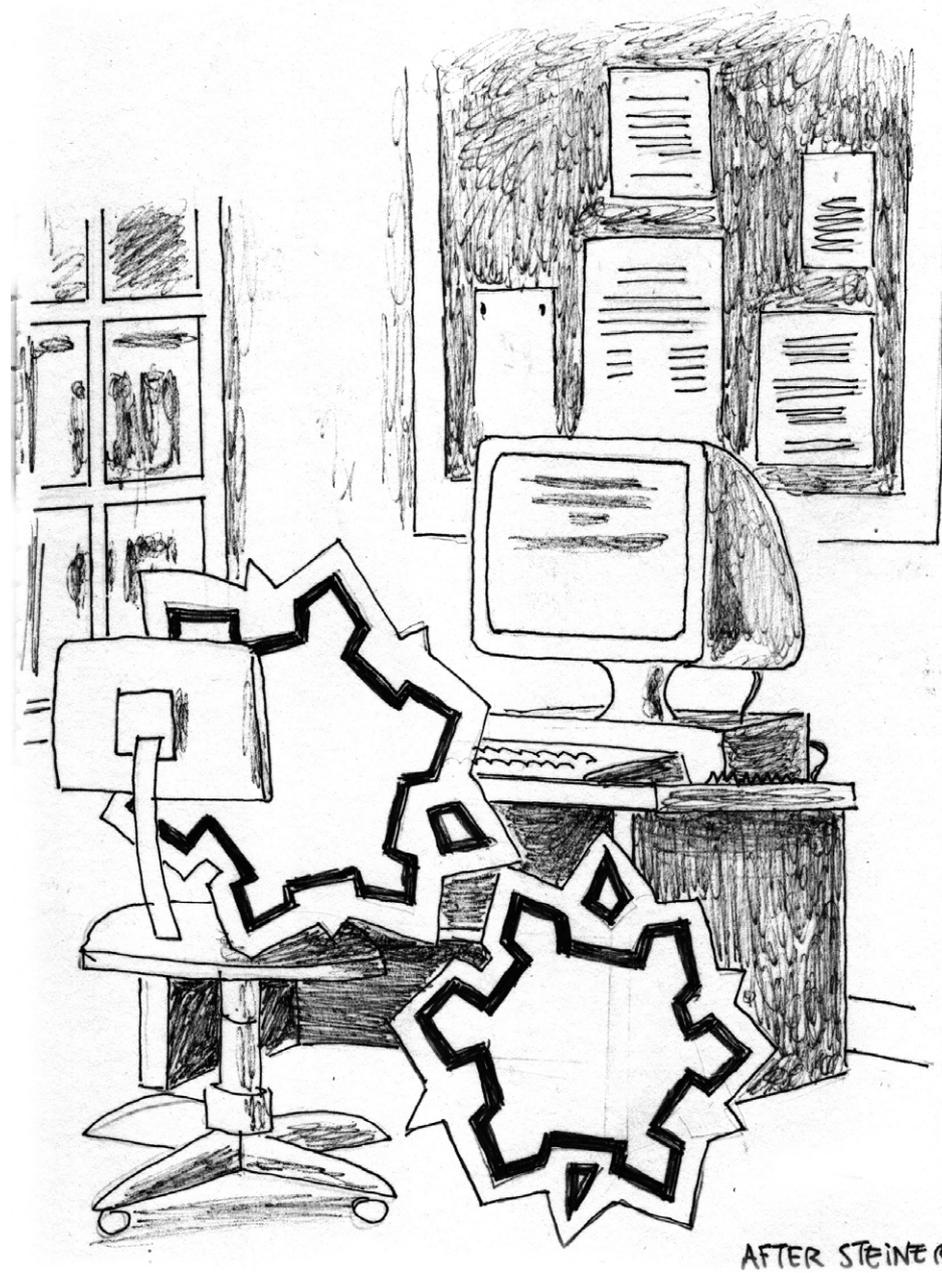
Volto às eleições de 2019, quando a cena dos passeios sutis era a bisavó interrompendo um cortejo fascista. Uma multidão de mortos-vivos eram simplesmente anulados pela atitude serena dela. Foi uma visão e tanto de radiância. Estive com a nonna Anita, como a chamavam na família, só nos primeiros anos da minha vida e sei que ela deu um liquidificador de presente para a nossa casa. Era um jeito de ela apoiar uma nova mãe que acabava de entrar

num casamento que não tinha sido aprovado pelo filho dela, aquele avô. Lembro de ser presenteado com biscoitos daqueles de fazer pavê.

Em Berlim Leste, sonhei com um grupo de brasileiros que sofria algum tipo de preconceito, não sei qual, vinha muito forte o sentimento difuso de uma falta de consideração geral. Eu não sabia quem eram aquelas pessoas especificamente, elas eram um sentimento disseminado. Um contágio.

Presencio como a nossa existência se desdobra ca-leidoscopicamente pelo que disseram consciência. Gosto de ficar recém-acordado na cama após os sonhos, escrevendo-os pela superfície do papel ou pelo corpo. Abro os olhos no decorrer de longos silenciosos capítulos e depois exercito um espaço entre agarrar e largar as imagens internas de fatos sensoriais no mapear do encontro com a cama, as costas sobre a irregularidade do lençol, o colchão a desenhar pelo tato, o peito apontado para onde estiver apontando, a testa tocando o ar, o travesseiro, um pedaço de pensamento a pairar num joelho. Foi num momento desses que vi um retrato de Stalin, logo após o sonho do metrô. De chofre veio a imagem de um homem que já esteve comigo, um amado cometa desta vida e uma experiência incontornável de sexo de ler na história deste corpo escrevente. Conforta-me a imagem do Renato e levanto-me calmo, mas não é que estivesse perturbado. Com as vozes militares, apesar da escuridão, eu podia olhar para a situação marcando a distância de um ritmo que permitia ouvir além da primeira camada e, se-

cretamente, respirar. Estava dançando pelas frestas, pequeno.



“Na Internet, ninguém sabe que você é um vírus.”

hoje eu sonhei contigo. tinha piscina no sonho, uma casa de veraneio meio desabitada (ainda que estivéssemos passando um tempo lá) e nós no gramado banhando de sol. foi bonito.

queria que não fosse só um sonho.

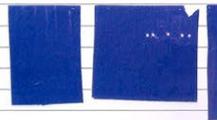
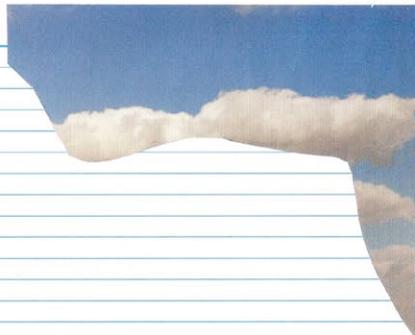
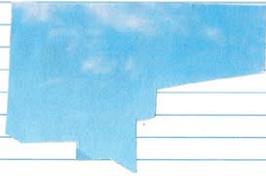
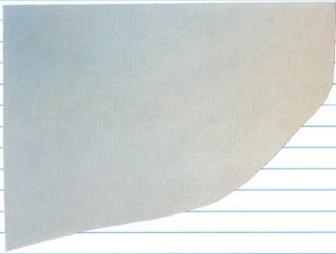
Acho que sonhei com vc agora a tardezinha

sonhou o q?

Alguma coisa fim do mundo kkkkkkk

Não paro de sonhar com água

Vc tinha que aparecer em algum momento



“Peixe” é uma coleção em processo de pedaços de céu que vou recortando de revistas que tenho em casa. Comecei essa coleta no início da quarentena, compartilhando este momento de busca, corte e composição, com meu filho Romeo, de 5 anos. Algumas frases que ouvi e que escrevi povoam meu pensamento enquanto faço esta coleta “o peixe cresce de acordo com o tamanho do aquário”, “o céu é azul”, “a sede do peixe”, “são muitas as chaves quando somos mais de um”. A orientação conceitual “Cena do céu I” de Yoko Ono também me acompanha neste trabalho.

Confabulação

Sentaram na mesa de jantar da enfermaria para a reunião usando máscaras. Movimentos gestuais. A linguagem das máscaras é intransitiva? Ela não lembra do acidente. O hipocampo foi lesado no começo da pandemia.

Sentada na mesa sem máscara diante da equipe. Como se estivesse nua e vulnerável, a boca e o nariz expostos. Os rostos recobertos, sentados em distância geometricamente precisa, estão fixados nela. Sua perplexidade não é neurológica, é real.

Este é um sonho ruim? Uma espécie de inquisição?

Amnésia anterógrada. As datas não significam nada. Há notícias sobre este vírus em toda parte.

Ela quer sair para fumar. Ela não lembra da admissão. Seu corpo mudou. Antes caminhava pelos corredores como uma escultura de Giacometti, os braços longos e pendulares. Agora precisa de roupas novas, mais largas. Manequim 38.

Lembra que estava numa livraria em Nova Iorque, em agosto de 2019, mas isto foi muito antes. Pensa que meu nome é Dra Maria, porque sou latina.

No dia do acidente eu descia a rua com cervicalgia, após uma tração súbita e recente nas costas. Estava tonta e com choques descendo pelos braços. Tive

delírios de neurologista com minha coluna. Imaginei que perderia meus movimentos. Quando alcancei o metrô tinha palpitações e suava.

Não sei quanto tempo passei no metrô. Eu estava fora da realidade, eu olhava para algumas pessoas com máscara e tinha medo. Concentrei na respiração. No trajeto, fui me acalmando. Era um ataque de pânico.

Cheguei em tempo para a reunião, foi um dia longo, que culminou com o acidente. Corremos. Lembro dos gritos, da garota anoréxica que chorava sem lágrimas, porque estava muito desidratada.

Mas ela sobreviveu. E esqueceu de tudo. Na semana seguinte, começou a quarentena.

Dia de sol e do Jorge
Aquele sol forte que me mancha a pele
na marca da camisa. A casa amanheceu silêncio.
Observo os gatos, preparo o banho e arrisco conselhos ressentidos. Ouvi uma palestra sobre a necessidade de considerarmos o mundo invisível e do tal víruszinho que no fundo não passa de um RNA protegido por uma camada de proteínas. Invisível. Hoje fiz questão da proteína; arroz, feijão e couve. Os resíduos serão os resíduos, o que tiver de apodrecer, apodrecerá, disse-me Exu. Agora o que me cabe e o que te cabe, à nós? Ouvir o invisível, dançar com ele.

Do quarto lateral
Cheio de noites insones
Cabelos sóbrios
Sorrisos graves
Engulo por inteira a saliva
não sei se mais minha que sua
Assim sendo bom utilizá-la para dizer
Ao céu de nuvens agitadas
Obrigada

Quando secarem as chuvas e o milênio eis que porém haverá ainda um silêncio, preâmbulo do outono crítico e sem trânsitos.

Cabe ao deus, sim, cabe ao homem bípede andar um bocadinho pra trás. O progresso é regredir, eu acho. A rua canta sua exuberância com pássaros, morcegos, frutos e aracnídeos. As danças circulares não foram suspensas mas o resto das nossas vidas humanóides claro que sim. Serafim ainda convive com a malícia e todos os dias eu sonho com o mar

cheinho de siris e corpos femininos. O Brasil é uma república federativa infantil e cheia de gente carregando pedras.

quase / ventoso / infestação

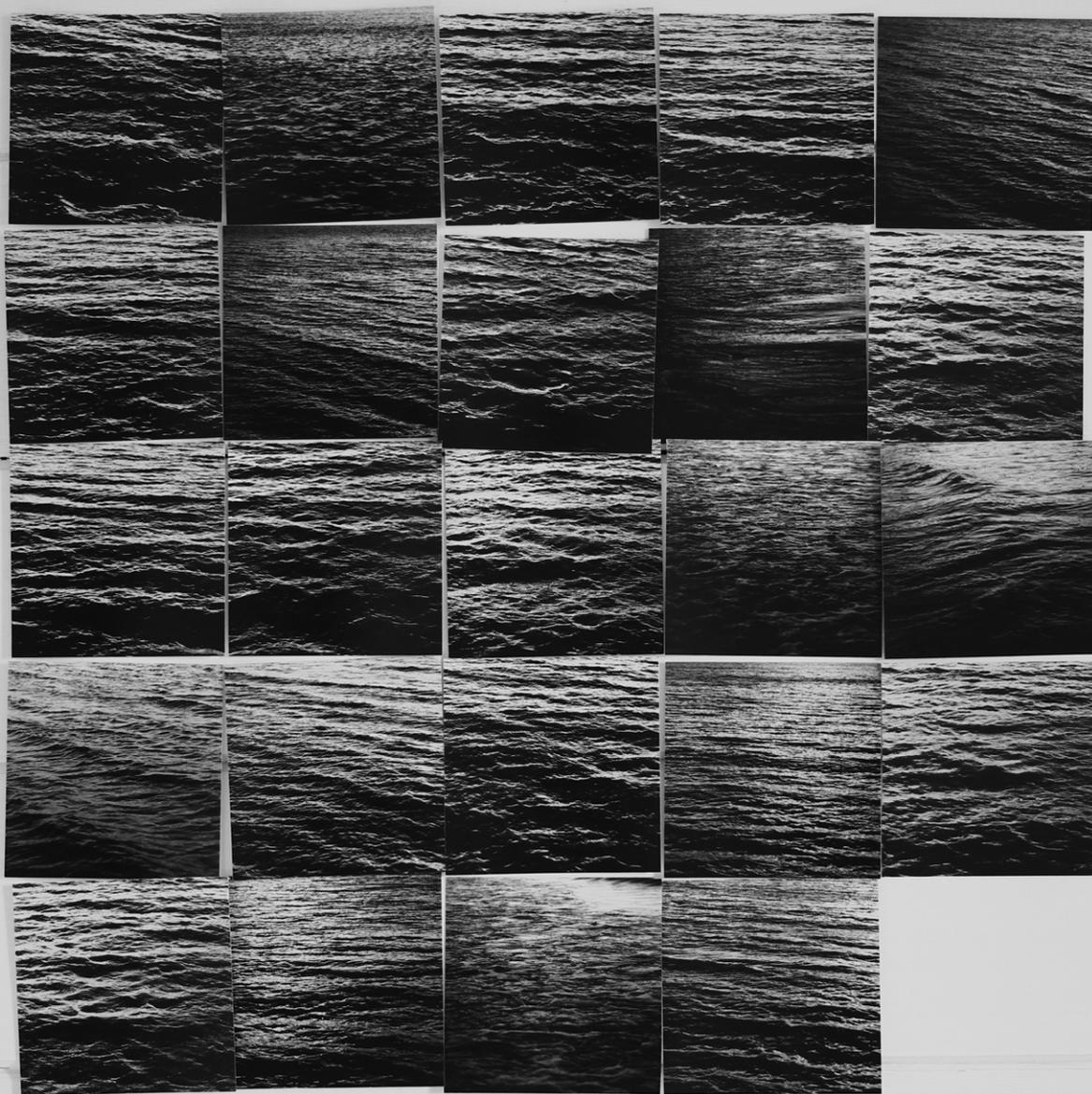




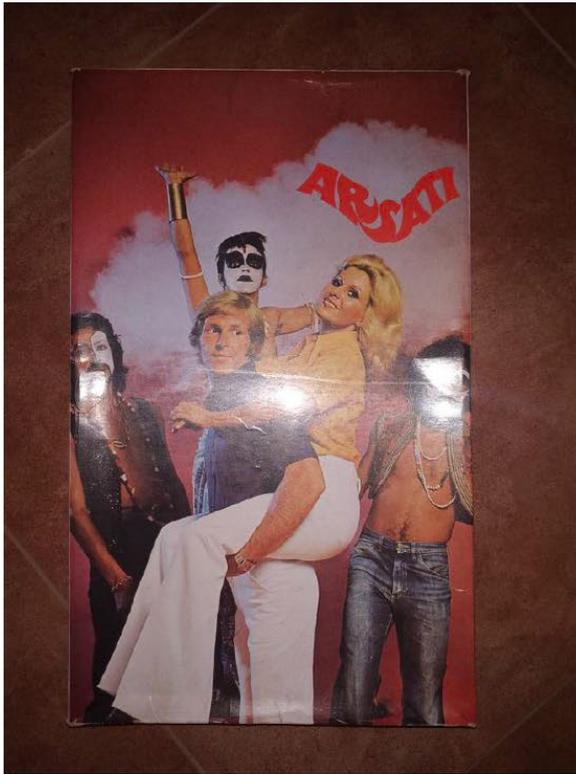
Nascimento de Zombia

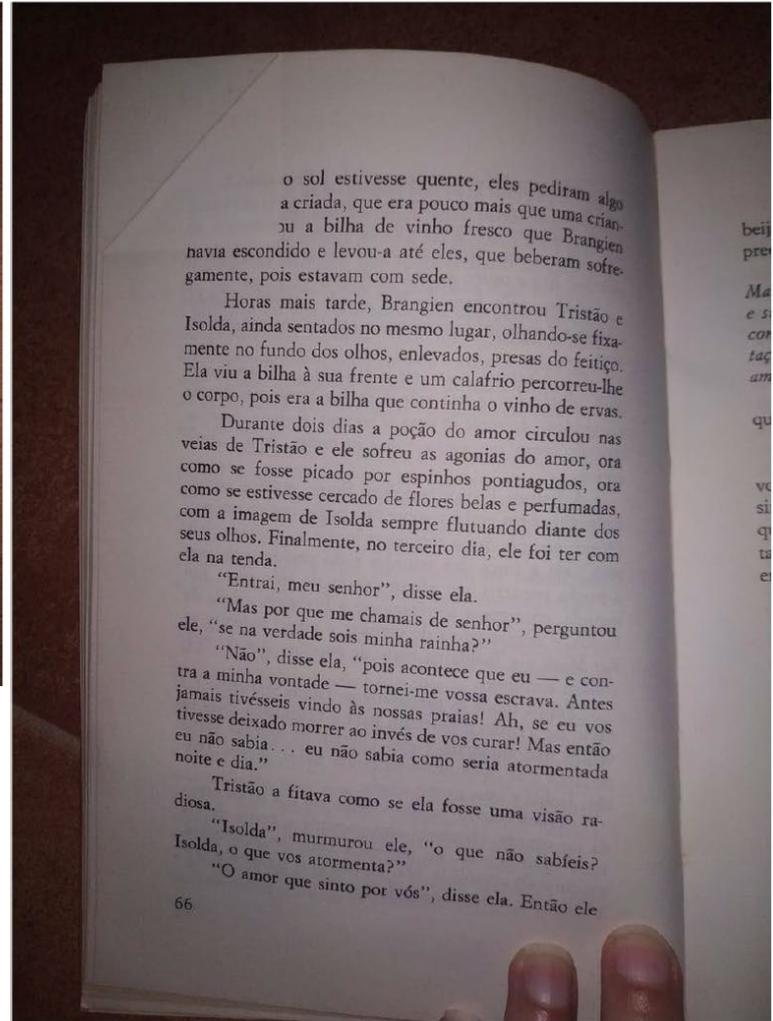
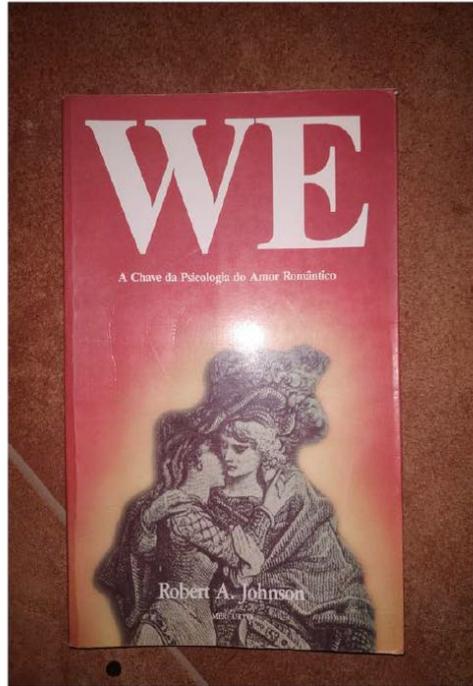


Nascimento de Zombia - Um extraterrestre chega na terra através da Internet. Em forma de dados criptografados Zombia se instala em um ciberespaço e passa a se desenvolver e aprender sobre as tecnologias ancestrais, orgânicas, eletrônicas e espirituais para materializar sua composição e atuação no mundo.

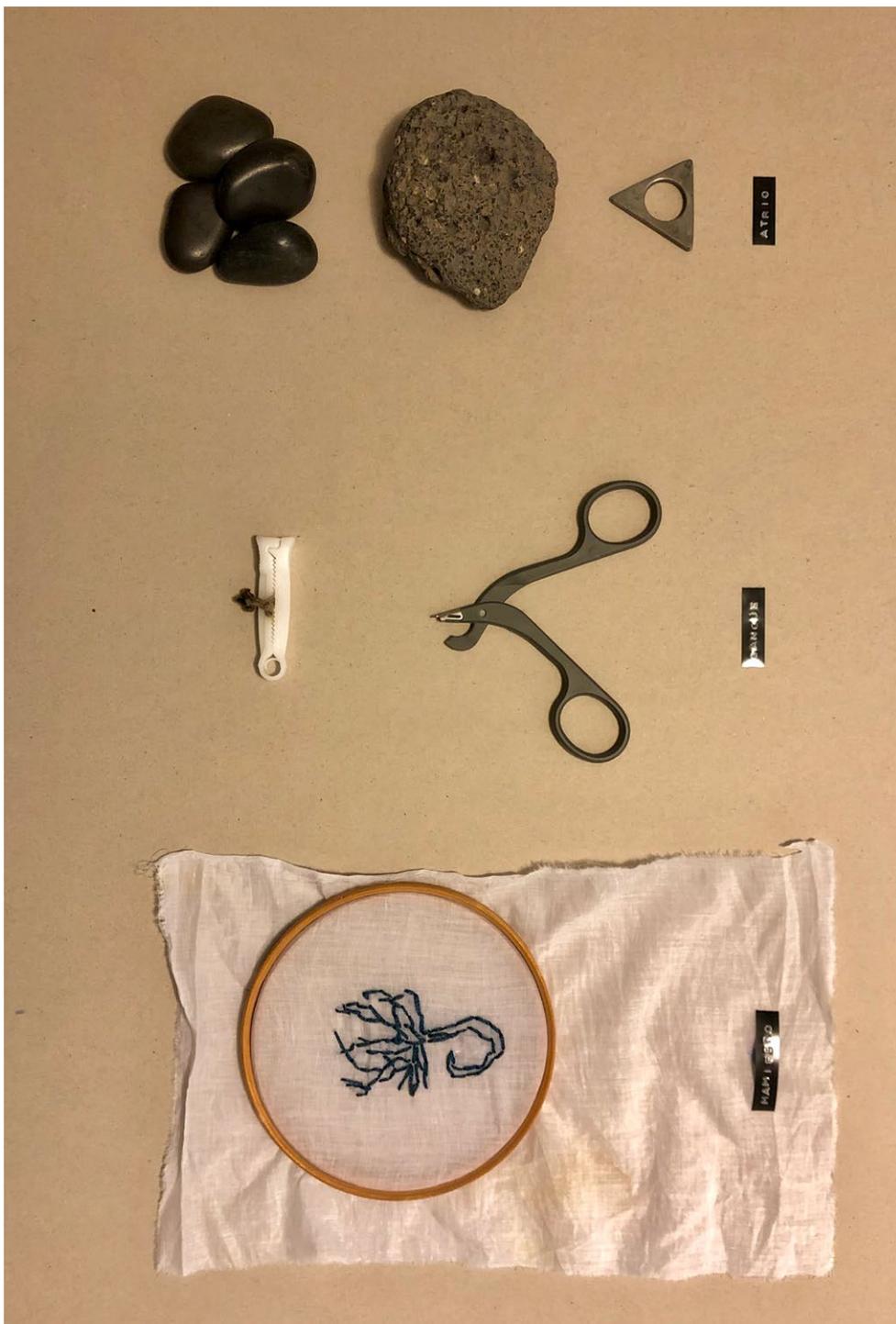


Dentro do mar a vida se move lentamente. Posso ouvi-lo da minha cama e quando sonho, atravesso-o como um abraço. Imagino as águas distantes e profundas. Imagino toda a volta da correnteza e o movimento das ondas. Quando o mar traz um pedaço de árvore até a beira da praia é como se ele recomeçasse uma nova paisagem. A areia envolve o que recebe do mar. Sua eterna confiança é fruto do amor. Galhos, bichos mortos, algas, sacos plásticos. A areia recebe e envolve. Deve saber que o encontro não se muda e o percurso cuida de todas as coisas. Já para o mar, o percurso é o próprio encontro. E no alto da noite ele avança até a praia movendo tudo, trazendo e levando. O sal preenche a espera. E dentro do sonho eu escuto que no coração da paisagem moram todos os encontros levados pelo mar.





Elementos de uma live de cura
Em breve no instagram @ladyincentivo
Entre e aguarde



Gosto de serpentes.

Ontem sonhei com Medusa, era eu e também ela.

Quando criança minha mãe falava para pentear meus cabelos com uma escova antes de dormir, mas meus cabelos sempre foram muito curtos e eu sentada na cama ao lado, só contemplava minha irmã a escovar. Sonhei que da minha cabeça saiam cabelos, grandes como nunca o foram. Ao passar minha mão entre os fios senti que perto do pescoço eles se transformavam em imensos cordões umbilicais. Inúmeros cordões saiam da minha cabeça e alimentavam o mundo. O que de mim brota, fecunda. Sou serpente de cabelos longos. Brotei três pilares insólitos onde me equilibrava:

o bloco um, sangue.

o bloco dois, mamífero.

o bloco três, átrio.

A capa espessa, crosta já coagulada, inquebrantável advinda de uma pressão externa dizia-se ser o mundo em contato. O mundo, essa pressão, exclamava. Inquebrantável, pois que a pressão, apesar de sólida, não era palpável, mas cheio de ranhuras por onde deslizavam as cerdas da escova. Penteava o cabelo com brutalidade e exclamava uma vez mais, ah o mundo, essa pressão. A parte de fora tinha três ou quatro passagens que não necessariamente conduziam para a parte de dentro. Outra parte e outra parte e outra parte e aquele fio, que já não era possível distinguir se meu ou de minha irmã, que costumava

rava essas partes.

Os conjuntos: daquele lado os mamíferos, tentava organizar o senhor de jaleco prateado, físico decadente, apaixonado jogador de Go. O senhor punha as pedras de Medusa na mesa e forçava, senão os olhos, certamente os olhares a se cruzar.

A geografia em desequilíbrio, com os três pilares oscilantes, forçava o malabarismo. Numa fração dois territórios restavam suspensos. O malabarismo punha os conjuntos em dinâmica. O “daquele lado os mamíferos”, era sempre provisório. Tanto quanto mais pedras duas operações ambivalentes se apresentavam: por um lado o espaço era comprimido, visto que o acúmulo de pedras paulatinamente ocupava maior espaço nos pilares - esses tinham suas dimensões inalteráveis. Tornava assim o espaço superpovoado de pedregulhos que variavam de tamanho. A organização em conjuntos e o malabarismo tentava administrar a operação espacial. Mas, por outro lado, o aumento exponencial do número de pedras poderia expandir o território. Aliás, criar mais outro pilar e redistribuir os conjuntos.

A tentativa fracassada da máquina rotuladora de dar os nomes de forma adâmica:

- pré-vida dentro da curva.
- percentil fora da curva.
- respiração dentro da curva.
- estímulos dentro da curva.
- mantenha o espaço de distância fora da curva.

Acordamos com um choro. Narramos os sonhos,

era quase o mesmo, quase. Em um, a mulher aparecia com a tesoura para retirar grampos cravados na pele - como quem desvincula folhas grampeadas fora da ordem. No outro, o senhor de jaleco, jogador de Go, adicto por taxonomias, aprendiz de malabarista, deixava as pedras caírem. Em ambos, cada fio de cabelo tornara-se cordão umbilical. Em nenhum o território era consentido sem lutas.



Meu Território Onírico

Sei que éramos eu, minha irmã e meu amigo no carro. Entramos num beco estreito cheio de fios amarelos. Meu amigo tentou tirar os fios do para-brisa e batemos no muro. O carro se moldou ao muro como se fosse feito de massinha de modelar. Vimos o muro entrar dentro do carro entre os faróis. Acordei.

Eu estava na beira de um lago. Parecia um parque urbano. Uma menina veio navegando numa espécie de carrinho de bebê aquático. Ela vinha na maior velocidade e afundou. Esperei para ver se ela flutuava. Contei até cinco e nada. Afundei minha mão e a tirei. Ela parecia morta, estava sem respirar e azul. Comecei a fazer pressões no seu peito e a torcer para reanimá-la. Ela tomou fôlego. Acordei.

Sou de gêmeos com ascendente em libra. Ar e ar. Durmo de rede há mais de cinco anos por questões de saúde. Ou seja, sou ar e durmo suspensa. Quando me deito me entrego à minha essência e entro neste território amorfo que é o sonho. Onde tudo é possível. De certa forma gosto de adentrar neste território. Confesso que também tenho medo, é um misto de receio, curiosidade e cansaço do real. Entro aberta neste lugar muito íntimo onde até eu mesma desconheço.

Tudo parte de mim, memórias se misturam com

impossibilidades, então, eu conheço e desconheço ao mesmo tempo. Os personagens na sua maioria são conhecidos, são familiares, amigos, vizinhos, pessoas que eu vi na rua e até mesmo atores de filmes que vejo. Porém as relações se permeiam, os atores distantes se tornam amigos, amantes ou familiares. Pessoas próximas se transformam em desconhecidos ou vise e versa. Me surpreendo com estas relações improváveis. Nos sonhos as relações se moldam também, aquilo que sentimos pelo outro se torna fato ou desaparece.

Neste território mutante reconheço a total plasticidade da matéria. Como no exemplo acima citado, um carro pode se moldar a um muro. A profundidade da água é tangível. No sonho não agimos na plasticidade da matéria, ela por si própria se transforma infinitamente. Lugares se abrem e o tempo não é linear, ele é livre. Esta liberdade do tempo e da matéria é incrível. Talvez a condição primordial para reconhecermos imediatamente que se trata de um sonho. Apenas um sonho?

Eu sonho muito, lugares, pessoas, fatos tudo passa pela minha cabeça quando entro em sono profundo. Na maioria das vezes quando acordo lembro ainda de algumas passagens dos meus sonhos, mas tudo desaparece muito rápido. A não ser se tenha alguma mensagem que me diga algo direto, se assim for eu retenho este sonho. Sim, eu observo e escuto meus sonhos. Quando acordo e lembro de algum detalhe importante continuo a examinar este sonho pelo resto do dia, pois cos-

tumo receber certas advertências quando durmo. Por exemplo: se acaso eu sonhar comendo algo. Hum...posso esperar, terei uma frustração, uma raiva, uma quebra de expectativa. No dia seguinte ao sonho, no máximo dois ou três dias depois. Estranho como posso receber uma advertência assim tão clara. Não consigo me preparar mas sei que me foi avisado.

Há um tempo atrás comecei a ler e observar bem os meus sonhos, com anotações a cada amanhecer, ou mesmo durante a noite quando me acordava. Tomei notas dos sonhos durante vários dias. O resultado me foi assustador. Acontecimentos futuros apareciam nos meus sonhos. Uma espécie de território surreal com premunições possíveis se fazia visitado a cada noite. Emoção demais para mim. Parei com as anotações. Não gosto muito deste negócio de prever o futuro. Gosto de surpresas.

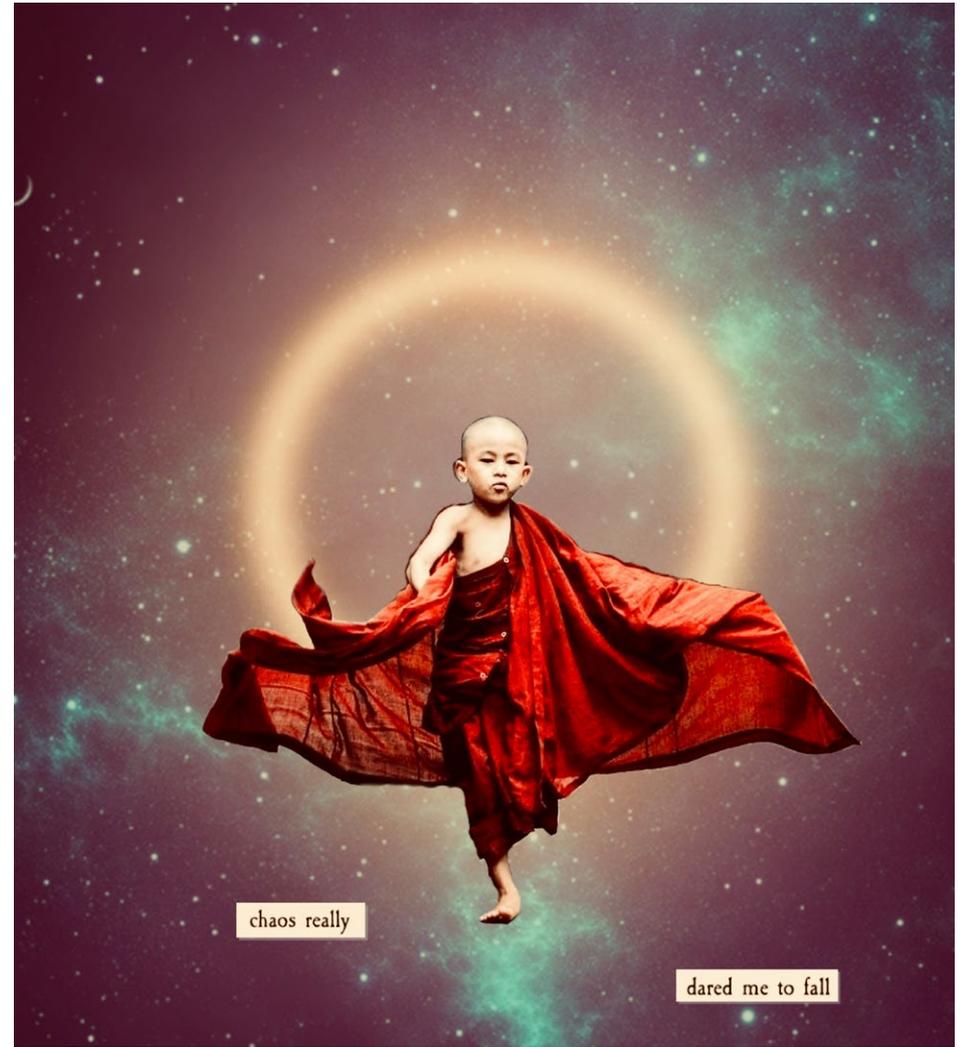
Respeito muito meu território onírico. Dentro dele sou um ser que flutua, que dança de um lugar a outro. Sinto a presença das pessoas sejam elas amigas ou não. Sempre recebo a visita do meu Paizinho e da minha Vózinha que já faleceram. Minha matéria pode se colocar no passado, ou viajar no futuro. O tempo me dá a mão e podemos brincar. O espaço se abre e se molda livremente. Um mundo sem limites com portas abertas.

O mutável, o disforme, o estranho faz parte desta paisagem. Sonhar é habitar o amorfo. Lem-

brar e ouvir as mensagens dos sonhos é conhecer a si próprio. Saber do seu íntimo desconhecido e aprender com as advertências que você se dá a si mesmo.



even the stars envied.



chaos really

dared me to fall



Tríptico “sem colinas nem montanhas agora que tudo é passado e nada há ao meu redor” (2020)



O Tênis Espumou

De repente, eu estava em uma calçada de um lugar estranho. A impressão é de que se tratava de uma cidade desconhecida por mim. Caminhando entre uma casa e outra, sem parar, segui, assim, por um bom tempo. As ruas eram muito semelhantes... Tudo aquilo parecia ser uma cidade ou um grande bairro composto apenas por residências.

Só via casas e guaritas, muitas guaritas aliás...Isso me parecia esquisito...Pela cor do céu, tive quase certeza ser final de tarde. Lembro de uma Van de transporte escolar parar bem próximo a mim. Dela saltaram três crianças uniformizadas. Do lado de fora, uma mulher, com roupa estampada, se apres-sava para recebê-las.

Senti um pingo d'água cair na minha cabeça, pensei vim de algum ar condicionado... Nem sabia para onde estava indo, mas estava gostando daquela sensação de se perder. Não encontrei nenhum conhecido, às vezes é estranho andar em um lugar sem conhecer ninguém. Nem lembro se tinha muita gente pela rua. As calçadas por onde caminhava eram bem largas. Grande parte delas eram cimentadas com uma parte composta por grama. Havia muitas plantas pelas ruas... Outro pingo caiu molhando a minha mão... Pensei, subitamente, era a árvore chorando?

Recordo, agora, que estava calçado com um tênis verde. Eu o tinha lavado dias antes, e não sabia se

havia tirado todo o sabão...Homens da empresa de energia interditaram uma das ruas, mas consegui seguir pelo asfalto, onde estava cheio de fios e materiais de trabalho deles...Alguns tomavam café. Em uma das guaritas, um homem estava fumando, sentado próximo à porta, ele escutava forró. Dei-lhe boa tarde e segui caminhando... Repentinamente, o tempo fechou e começou a chover muito forte. Parecia uma tempestade, era muita água caindo! Os pingos começaram a escorrer pelas lentes dos meus óculos. A chuva caía ligeira, desproporcional aos meus passos. Comecei a caminhar frenético em busca de um abrigo.

Comecei a ficar desesperado por não conseguir nenhuma proteção... Corria e corria, mas nada. Depois de andar alguns quarteirões e meu tênis começar a borbular pelo sabão deixado da lavagem malfeita, avistei um pequeno abrigo... A sensação era a de que quanto me aproximava dele, mais longe ficava de mim... Até que, finalmente, cheguei, porém, o abrigo era muito pequeno e não me cabia. Na verdade, ele não poderia proteger ninguém, uma vez que não estava na escala humana. Não foi feito para proteger um corpo...

Estava todo ensopado, o nível da água subia pelo asfalto. A água estava na altura dos meus joelhos, talvez não ficaria só nisso... E foi, então, que acordei...

* O sonho aconteceu na primeira noite de residência no Hermes Artes Visuais em São Paulo.

a casa vira a sala de espera
o leito anti-leito
os abraços viram saudade
a janela vira desejo
eu contei uma por uma as pinceladas de tinta no teto
branco do meu quarto
eu recontei meus livros e pus uma nova sequência
de leitura
eu acompanhei o ruído do ventilador e tentei imitar
com a voz
eu tive preguiça de lavar minha rede e fui dormir na
cama
eu cansei de escrever e escrevi sobre o cansaço
eu demorei para lavar a louça e lamentei a demora
eu cozinhei tudo aquilo que não presta e por isso é
gostoso
eu olhei pro gato e me senti aflita por não vê-lo mijar
eu estou tendo uma leve crise de disforia
mas não sei se é leve
não sei se é possível que seja leve
mas sei que vai passar
junto com a espera
junto com a demora
junto com o cansaço
pra quebrar a sequência e o leito ao meio
pra virar a saudade em voz e abraço
enquanto isso passarei de novo da cama para a rede
pra me balançar na espera
que já é delírio

Fotografia de Muriel Cruz



καραντόνεια //// viral dreams

*sky and sea keep harm from me
cord go round, power be bound,
light revealed, now be sealed*



a vast alchemy. a sparkle. a flame. a wild fire. we have run out of masks alcohol antiseptics gloves. who'd have thought. astrologer and crairvoyants failed to predict it. she said: i have not dreamt of her yet. i thought: is it necessary? all in all everything went well: the waters broke and babydream slipped out. holding our breaths. mastering the high art of charcoal: low oxygen environment: that worths it. no. masks. alcohol. antiseptics. gloves. all night before the lockdown i dreamt of bodies making out: wet kissing loop: health potion consisting of lucha and lust. i've grown up playing with the dust: dust dough: terror no: grown up eating food from the

floor: touching myself a lot: slacker for dirty sound: aficionado of dirty talk. τώρα μου ζητάνε να'μαι υπάκουη και καθαρή: now i am forced to neurotically wash. we have run out of masks alcohol antiseptics gloves. disrupt. corrode. they said: only good thing is that there's gonna be more gloved penetration. he said: should i bleach my plugs? we have run out of masks alcohol antiseptics gloves. here's some matches. light me a river: i dreamed of a tongue: a dirty and sharp one. i dreamed of my body into pieces: four fourty four pieces planted in the soil of every friend: whenever the friend desperately needs touch and care they plunge their hands in the ground: fondle my piece like dough till it swells and the friend is left with hands full of soil and a warm heart. left with a mouth full of earth. mouth full of dust. grounded, dirty and sharp tongue. μένει μ' ένα στόμα γεμάτο χώμα με μια γλώσσα γήινη, γειωμένη, βρώμικη και κοφτερή. γλώσσα ροδάνι που με διατρέχει. χέρια μαχαίρια: σ' αυτά προστρέχω. glosa giini, giomeni, vromiki ke kofteri. glosa rodani pou me diatrehei: heria maheria: s afta prostrexw. combustible tongue. combustible hands. disrupt. unlearn. unearth. corrupt. earth the power. open the circle

Η φλόγα εξαρτάται απ' το καύσιμο και εκεί από όπου άλλοτε έβγαινε καπνός τώρα το φουγάρο σκουριάζει, σιωπά, πλάι στους δρόμους, τους παρωχημένους σηματοδότες, τις εξ αποστάσεως διασταυρώσεις, την παρανοϊκή φοβία πως ο ιός βρίσκεται στη σόλα του παπουτσιού σου, στην άκρη της τρίχας της μύτης σου, στην τρυπούλα της ζώνης, κι αν όντως βρίσκεται εκεί, μήπως τυχόν πέσει ανάμεσα στην εξώπορτα που βγάζει στον δρόμο και στην πόρτα του σπιτιού που οδηγεί στο σαλόνι. Προσοχή στην αναπνοή, στον αέρα, στο πάτωμα, στην καρδιά, στη νύστα, στην πείνα, στο ταβάνι, στον δρόμο. Οτιδήποτε ως τώρα αποδιωγμένο απ' τα τραγούδια, καλυμμένο ή ξεχασμένο, ξαναεμφανίζεται σερβιρισμένο στο πρωινό, ανακατεμένο στα φασόλια, να φράζει το στομάχι που ξερνά ξερό αλεύρι, βρόμικο ή λαθραίο. Σήμερα οι χελώνες παίρνουν πίσω το αίμα τους, το πετρέλαιο έχει καιρό να διυλιστεί και μέσα από τα σπιτάκια τους οι άνθρωποι χτυπάνε τεντζερέδια, τραγουδούν στα παράθυρα, ξαναβρίσκει ο καθένας τον εαυτό του, το έτερό του, στους τοίχους και ακόμα παραπέρα, στον ορίζοντα. Η φλόγα εξαρτάται απ' το καύσιμο. Εκεί ακριβώς όπου τρεμοπαίζει η φλόγα υποδηλώνεται πως ένα προσάναμμα, μια καύσιμη ύλη, καθώς καίγεται, μετατρέπεται σε κάτι άλλο απελευθερώνοντας ενέργεια, θερμότητα. Κι αν μέσα από τον καπνό και τον θόρυβο, στο συγκεκριμένο σκηνικό, αναδύεται μια ατμόσφαιρα θολή, στατική και βουβή, είναι γιατί και το ίδιο το σκηνικό κατακαίγεται από μια καινούρια φλόγα στην οποία καινούρια καύσιμα ρίχνονται και αναμειγνύονται στο στόμα της φωτιάς, στο στόμα της νύχτας και σε ό,τι εκβάλλει στα σώματα και στα μυαλά μας. Και όπως ο αέρας θρέφει

τη φωτιά, απλώνει τις στάχτες, τους σπόρους. Νερό ξεχύνεται ασυγκράτητο πάνω σε λάβα πυκνή, φρέσκο μέσα στις φλέβες. Η γη ξαναγεννιέται και μια χούφτα χώμα δεν είναι πια απλά μια χούφτα χώμα, ακριβώς όπως το τετραγωνικό μέτρο στο σπίτι σου δεν είναι πια μόνο ένα τετραγωνικό μέτρο. Οι δρόμοι που προσφέρουν καταφύγιο μεταλλάσσονται σε μέτρα και σταθμά, γεωγραφικά μήκη και πλάτη. Αιθέρας στο μυαλό. Ο ήχος που θυμόμαστε στις φωνές μας γίνεται αντιληπτός σαν σπίθα αυτού του τεράστιου αρχιτεκτονημένου και εξευγενισμένου δικτύου που φτιάχνουν οι φλόγες. Πύρινη η γλώσσα της φωτιάς, μοναδικό και αδιαπραγμάτευτο το καύσιμό της, κι ας είναι κοινό και ίσα μοιρασμένο, ένα πέρασμα ανοίγει, σε μια άβυσσο, για επικοινωνία με το αλλότριο ☉ μια απέραντη αλχημεία είμαστε όλα μαζί.

Flávia Memória

αυτή τη νύχτα ονειρεύτηκα πως οι άνθρωποι παρόλο που κοιμούνται βρίσκονταν σε εγρήγορση και ότι όλοι οι χρόνοι συγχωνεύονταν και δεν υπήρχε πια καμία διαφορά ανάμεσα στο πραγματικό και το εικονικό ήμασταν όλοι ένα πράγμα εκεί γύρω πηγαινοερχόταν μια ομάδα από μεσόκοπες γυναίκες θεραπεύτριες που και την όψη είχαν και μιλούσαν τη γλώσσα των μακουσί 1 νομίζω τραγουδούσαν έναν σκοπό που έμοιαζε με τουκούι 2 καιμίλαγε για τους ανθρώπους που για να καταπολεμήσουν τον ιό έπρεπε να φτιάξουν στο σπίτι τους μια συσκευή κομποστοποίησης από αυτές τις απλές να τη φτιάξουν γιατί είχε αποδειχθεί από επιστημονικές μελέτες πολύ πρόσφατες ότι η επαφή με ένα βακτήριο που αναπτύσσεται κατά την παραγωγή του κομπόστ σε αυτές τις συσκευές λειτουργούσε ως αντικαταθλιπτικό που απάλυνε τις πληγές του παρελθόντος στους ανθρώπους και αυτό βοηθούσε στην καταπολέμηση του ιού γιατί συνεισέφερε θετικά στο κάρμα της ανθρωπότητας ήταν μια στιγμή μεγάλης χαράς για όλο τον κόσμο τα λόγια αυτά των γυναικών ιδιαίτερα για τα σκουληκάκια της κομποστοποίησης και ο κόσμος έβλεπε μέσω τηλεόρασης μέσω δορυφόρου μέχρι και στο κινητό ότι σε κάθε γειτονιά ξεκινούσαν να φτιάχνουν από κοινού τη συλλογική τους κομποστιέρα όλοι μαζί με μάσκες ντυμένοι σαν αστροναύτες σε πλατείες που είχαν μεταβληθεί σε πραγματικούς χώρους συλλογικότητας για μια αστική οργανική καλλιέργεια και το γενικό πρόσταγμα είχε αρχίσει να διαδίδεται από τα σπίτια από τους ανθρώπους που ακολουθούσαν ήδη τις διαδικασίες της κομποστοποίησης υπήρχε ωστόσο χρόνος και για άλλους που δεν είχαν αρχίσει ακόμα οι τοπικές αρχές σε συνεργασία με τις ιδιωτικές

εταιρείες τηλεφωνίας ξήλωναν όλους εκείνους τους παμπάλαιους τηλεφωνικούς θαλάμους σε σχήμα φασολιού και τους ανακύκλωναν μετατρέποντάς τους σε ειδικές κάψουλες καλλιέργειας για την αναγέννηση του πλανήτη σαν να ήταν καρτσάκια που αφέθηκαν να αιωρούνται σαν λαμπερός βωμός αυτό διευκόλυνε κατά πολύ την επικοινωνία μεταξύ των ανθρώπων και των φυτών γιατί κάθε φυτό φυτεμένο σε αυτές τις κάψουλες μάς έστελνε έναν καινούριο τύπο λέξης σαν να ήταν μεταφραστής της google για φυτά με πιάνεις; ο κόσμος εκεί τη μάθαινε αυτή τη γλώσσα μόνο με τη σκέψη απλώς και μόνο αλλάζοντας τρόπο σκέψης και αυτό ήταν πολύ βασικό στην προσπάθεια να βελτιωθεί η επαφή μας με τα φυτά ήταν πια δεδομένο κατά τρόπο ξεκάθαρο και αρκετά δραστικό πως τα φυτάμίλαγαν την ιερή γλώσσα της σπείρας που βοηθούσε στον εξαγνισμό του πλανήτη

Érica Zíngano

Organização:

Érica Zíngano

Flávia Memória

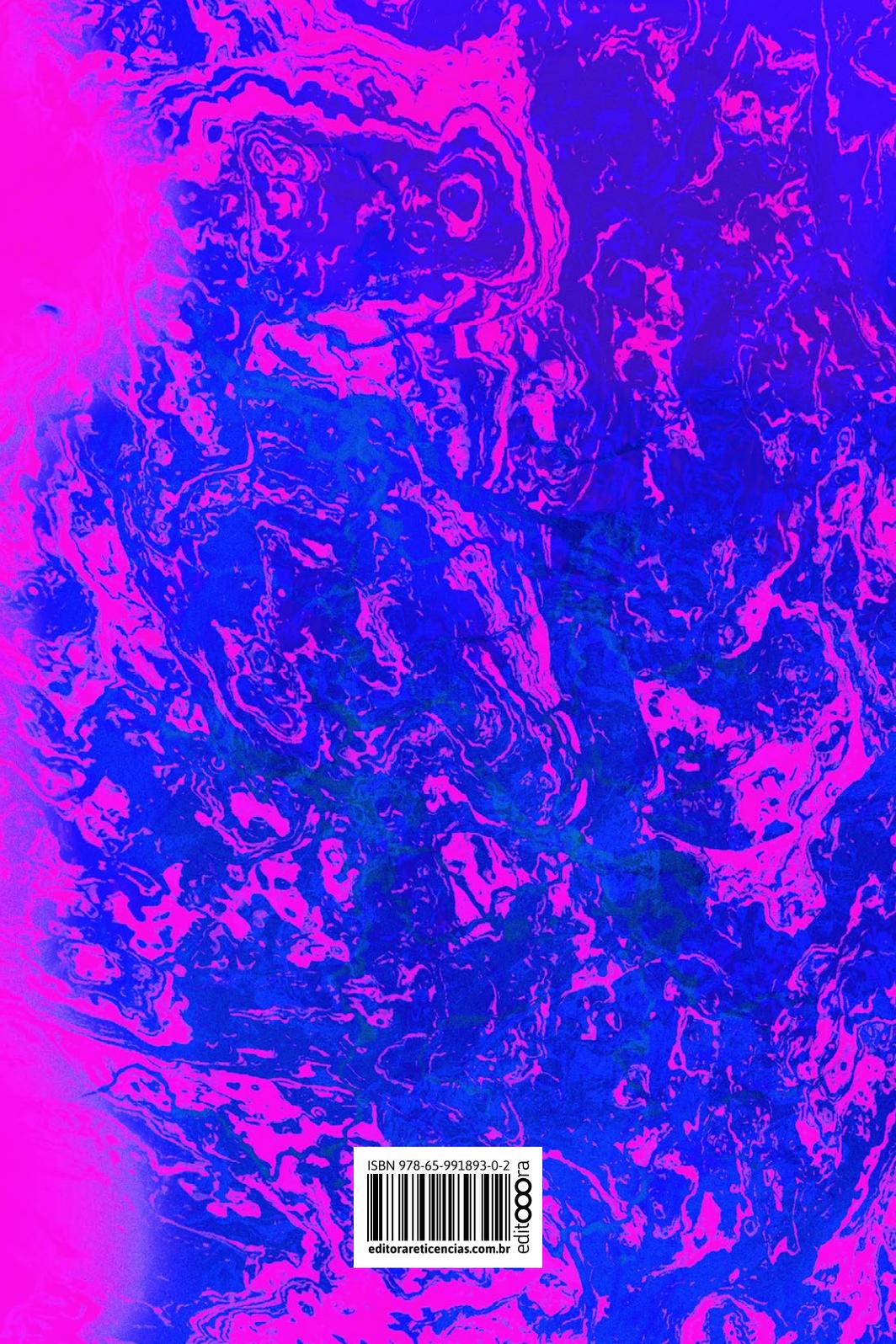
Yule Bernardo

A Chama Depende do Combustível Vol.2

1ª Edição

Editora Reticências

Fortaleza, CE / 2020



ISBN 978-65-991893-0-2



editorarecencias.com.br

edito**o**ora